

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

CRISTIANE VIEIRA CHAGAS

**FORMAÇÃO, VIVÊNCIAS E DESEMPENHOS DO
EDUCADOR SOCIAL: PERCEPÇÕES E EXPECTATIVAS**

**Porto Alegre
2006**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CRISTIANE VIEIRA CHAGAS

**FORMAÇÃO, VIVÊNCIAS E DESEMPENHOS
DO EDUCADOR SOCIAL: PERCEPÇÕES E EXPECTATIVAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Emília Amaral Engers

Porto Alegre

2006

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C433f Chagas, Cristiane Vieira
Formação, vivências e desempenhos do educador social: percepções e expectativas. / Cristiane Vieira Chagas. – Porto Alegre, 2006.
119 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS.
Orientação: Profa. Dra. Maria Emília Amaral Engers.

1. Educação Social. 2. Professores - Formação Profissional. 3. Professores – Aspectos Sociais.
4. Educação Popular. I. Título.

1.1.1 CDD 370.71

Ficha elaborada pela bibliotecária Cíntia Borges Greff CRB 10/1437

CRISTIANE VIEIRA CHAGAS

**FORMAÇÃO, VIVÊNCIAS E DESEMPENHOS
DO EDUCADOR SOCIAL: PERCEPÇÕES E EXPECTATIVAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em ____ de _____ de 200__

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Emília Amaral Engers

Prof.^a Dr.^a Maria Waleska Cruz

Prof.^a Dr.^a Marilene Maia

DEDICATÓRIA

A Deus, que nunca me abandona.

A minha mãe, Soralia Vieira Chagas, extensão da minha vida, quem me apóia, é guerreira e
fiel sempre...

A meu pai, Claudioberto Rodrigues Chagas, pelo apoio, auxílio e confiança...

AGRADECIMENTOS

Aos Salesianos de Dom Bosco, pelo apoio, o crédito no meu trabalho e as portas abertas para minhas investidas educativas... Sua proposta educativa me encanta...

Aos educadores e equipe diretiva do Novo Lar, que sempre acolheram e deixaram o caminho aberto a este trabalho...

À Dra. Maria Emília Amaral Engers, pelo acompanhamento, orientação e carinho...

Aos professores do PPG-PUCRS, que acreditaram em minha proposta e apoiaram o Projeto...

A Capes pelo investimento. Sem este, não conseguiria ...

Ao meu irmão, Marcelo Vieira Chagas, pela amizade...

Aos meus familiares, todos que entenderam minhas ausências nestes anos de escrita...

À amiga Cristiane Vieira Ramos, pela escuta, pelo norte, pelo ombro, pelo entendimento daquilo que quero dizer...

Ao Zeca, ouvidos atentos às descobertas e ombro amigo nos momentos de angústia...

À Fabiano Flores, pela compreensão e companheirismo...

Aos meus amigos: Andréa Miranda, Flávia Fortes, Silvia, Alexandre Saragoça e Aline da Cunha, pessoas que auxiliaram na realização deste trabalho...

Aos meus amigos e amigas, companheiros (as) de escuta e partilha dos bons momentos e dos desafios vividos...

“EIS O MEU JARDIM...”

Jorge Trevisol

RESUMO

O presente estudo investiga a formação, as vivências e as expectativas do educador social, na prática do trabalho não-formal. Ouvi estes educadores contando suas caminhadas profissionais, bem como observei a realidade de suas práticas educativas, voltando a atenção ao contexto institucional, com seu paradigma social e as concepções educacionais presentes. Essa pesquisa foi guiada pelo paradigma qualitativo de pesquisa e pela abordagem do Estudo de caso. Como o objetivo central de conhecer melhor os atores desta práxis educativa, mergulhei em seus ofícios. Para a coleta de dados, utilizei entrevistas semi-estruturadas e dialógicas, bem como voltei meu olhar para a história da Congregação a que este grupo de educadores pertence. Ainda mantive observações em reuniões, momentos educativos e de lazer de educadores e educandos, para compreender o contexto vivenciado por este grupo. Conte com depoimentos de 14 educadores, incluindo equipe coordenadora da Instituição, na coleta de dados. O estudo trouxe à tona a realidade de um grupo que está atuante na educação e formação de jovens e buscam desempenhar seu ofício com muito empenho e dedicação, porém carentes de fundamentação pedagógica em sua ação educativa. São pessoas engajadas em um projeto de promoção desta juventude, baseando seu enfoque educativo no amor e na formação humana. Eles utilizam os conceitos e preceitos fomentados pela instituição, mas carecem de uma identidade de grupo comprometido com a reflexão constante, pensante sobre o sentido de seu ofício. Os depoimentos revelam os sentimentos destes educadores, elucidando a pouca valorização social, o reconhecimento de suas limitações, mas boa parte deles tem a vontade de ir além. Parece ser importante um maior envolvimento institucional no sentido de incentivar uma educação continuada de qualidade, para que estes educadores sociais desempenhem seu papel com maior segurança, melhor embasados e conscientes da importância de seu trabalho para que os jovens que estão buscando ajuda, especialmente aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade social, possam alcançar uma certa liberdade, mais segurança, autonomia e sejam agentes de transformação social.

Palavras-chave: educação social – formação de educadores sociais – educação popular

ABSTRACT

This study investigates the social educator formation, experiences and expectations in the informal work practice. I have heard these educators telling about their professional experiences, as well as I have observed the reality of their educational practice, focusing attention on the institutional context, its social paradigm and existing educational conceptions. This research was guided by the qualitative paradigm of research and by the Case Study approach.

Aiming to know better the actors in that educational praxis, I went through their jobs. To collect information I used conversational and open semi-structured interviews, I also had to consider the history of the Congregation which the group of educators belong. I have observed meetings, educational moments as well as educators and students free time in order to understand the context they live in. For the information collecting I had 14 educators reports, including the institution coordination staff.

The study brought up the reality of a group which is active in the education and formation of young people, trying to make their jobs with dedication and devotion, but with a lack of educational fundamentation on their educational practice.

It is a group of people engaged in a Project to promote this young generation, focusing their educational practice on love and on human formation. They use concepts and ideas supported by the institution, but they cannot be identified as a group committed to a constant reflexion about the meaning of their work. The reports reveal the educators feelings, eliciting the low social value and awareness of their limitations. Even though, a great part of them would like to go further. It seems to be of great importance a bigger involvement from the institution aiming to incentivate a continuous education of good quality, so that this social educators play their role with more confidence, having a better support and aware of the importance of their work for social transformation and for the freedom of young people that look for help, so that, specially those who live in a situation of social vulnerability, may be able to achieve a certain freedom, more safety, autonomy and become social changes agents.

Key-words: social educators formation - social education - popular education

RESUMEN

El presente trabajo investiga la formación, las vivencias y las expectativas del educador social en la práctica de trabajo no formal. He oído a esos educadores hablar de sus caminos profesionales, así como he observado la realidad de sus prácticas educativas volteadas al contexto institucional con su paradigma social y las concepciones educacionales presentes. Este trabajo fue guiado por el paradigma cualitativo y por el abordaje del estudio de cada caso. Con el objetivo central de conocer mejor los actores de esta praxis educativa, me profundicé en sus oficios. Para recabar los datos, he utilizado encuestas semiestructuradas y dialógicas dando énfasis a la historia de la Congregación a que este grupo de educadores pertenece. Aún he observado en reuniones momentos educativos y de esparcimiento de los educadores y educandos, con el objeto de comprender el contexto vivido por el grupo. He contado con testimonios de 14 educadores, incluyendo el equipo coordinador de la Institución en la recolección de los datos. El estudio ha traído a la realidad un grupo que está actualmente en la educación y en la formación de jóvenes; que busca desarrollar su oficio con ganas y dedicación, pero todavía carentes de los fundamentos pedagógicos en su acción educativa. Son personas comprometidas en un Proyecto de promoción de la juventud a través del amor y de la formación humana. Utilizan los conceptos y preceptos fomentados por la Institución, pero carecen de una identidad de grupo comprometido con la reflexión constante acerca del sentido de su oficio. Los testimonios revelan los sentimientos de estos educadores, dilucidando la poca valorización social y el reconocimiento de sus limitaciones, pero con ganas de progresar. Parece ser importante un mayor involucramiento institucional en el sentido de incentivar una educación continuada de calidad para que esos educadores sociales desarrollen su papel con más seguridad, más embasamiento y conscientes de la importancia de su trabajo, para que los jóvenes que buscan ayuda, especialmente aquellos que viven en situación de vulnerabilidad social, puedan alcanzar libertad, autonomía y que sean agentes de la transformación social.

Palabras-claves: educador social- la formación del educador social – educación popular

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Educadora Solidária	20
Figura 2 – Educadora Presença	22
Figura 3 – Educador Tecnicista	24
Figura 4 – Educadora Aprendiz	26
Figura 5 – Educador Transformador	28
Figura 6 – Educadora Ouvidora.....	30
Figura 7 – Educador Lutador.....	32
Figura 8 – Educador Trabalhador.....	34
Figura 9 – Educadora Orientadora.....	36
Figura 10 – Educadora Pastora.....	38
Figura 11 – Educadora Comprometida.....	40
Figura 12 – Educador Perseverante	42

Figura 13 – Educador Perfeccionista.....	44
Figura 14 – Educador Amoroso	46
Figura 15 – Esquema Temático – Ciência da Educação	56
Quadro 1 – Educação X Educação Popular.....	64
Figura 16 – Novo Lar de Menores	71
Figura 17 –Ser Educador Social	75
Figura 18 –Tessituras Finais	98

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	PROBLEMA	15
1.2	OBJETIVOS	15
2	MÉTODO	16
2.1	MÉTODO, PARADIGMA E ABORDAGEM	16
2.2	PARTICIPANTES	18
2.3	QUESTÕES DE PESQUISA	48
3	COLETA DE DADOS E INSTRUMENTOS.....	49
4	ANÁLISE DOS DADOS	51
4.1	INTRODUÇÃO	51
4.2	CONSTRUINDO AS TESSITURAS: CATEGORIZAÇÕES	533
4.2.1	<i>Educar no espaço não formal.....</i>	<i>53</i>
4.2.1.1	Situando a educação não formal	53
4.2.1.2	Pedagogia Social: Panorama Mundial	57
4.2.1.3	Educação Social ou Educação Popular: amarras possíveis.....	62
4.2.2	<i>Educadores Sociais Salesianos e o seu jardim.....</i>	<i>66</i>
4.2.2.1	Salesianos de Dom Bosco: Contexto Histórico	66
4.2.2.2	Educação Salesiana. A tríplice: Amor/Razão/Religião.....	69
4.2.2.3	O Novo Lar de Menores.....	72
4.2.3	<i>Ser Educador Social.....</i>	<i>76</i>
4.2.3.1	Identidade	76
4.2.3.2	Formação do Educador Social	79
4.2.3.3	Vivências e Práticas	85
4.2.4	<i>Educadores Sociais: Sonhos, Expectativas e Desejos.....</i>	<i>94</i>

5 TESSITURAS FINAIS	98
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICES	108
ANEXO.....	111

1 INTRODUÇÃO

Ao fazer um resgate de minha trajetória pelo caminho da educação, me reporto a história de minha família, especialmente de meus pais. Casal jovem, cheio de ambições e planos para seu futuro, pronto para mudar seu destino, pois queriam encontrar nos estudos e no trabalho “intelectual” possibilidade para melhorar a condição de vida. Minha mãe, filha de pais pouco escolarizados, aventurou-se pelo campo da educação e criou-nos, eu e meu irmão, com proventos do seu trabalho educativo. Na verdade, desde o ventre, vivenciei Escola, pois minha mãe lecionou grávida para crianças das séries iniciais na periferia da cidade. Desde então, tenho ligação com a educação.

Anos mais tarde, eu já no Magistério, trabalhei com crianças de várias escolas públicas num Projeto de Educação e Lazer na Serra Gaúcha, trabalho efetivo com jovens. Esta vivência cunhou minha trajetória e a das pessoas que ali estiveram. Foram muitas marcas deixadas e levadas, cartinhas, correspondências e especialmente a certeza de que este momento educativo não-formal foi muito intenso.

Como professora e cursando a graduação, ingressei na Instituição em que realizei minha pesquisa, o Novo Lar de Menores. Comecei a trabalhar com alfabetização, com a peculiaridade que a idade dos meus alunos variava de 10 a 18 anos, um grande desafio. Empenhei-me ao máximo para corresponder às expectativas daqueles alunos que desejavam, mesmo que de maneira pouco consciente, galgar espaços de reconhecimento social, para sair daquela condição, já rotulada, de jovens excluídos e incapazes. No intuito de resgatar a dignidade daquelas pessoas através do sucesso escolar, propus para a Escola a criação de um Laboratório de Aprendizagem, para trabalhar especialmente com os alunos que tinham mais dificuldades, num universo de multirepetência. A idéia foi aceita e o trabalho realizado. Muitos desafios e interrogações estiveram presentes, pois parecia que a linguagem escolar formal, não conseguia atingir plenamente aqueles jovens... O retorno positivo do Projeto ocasionou o convite do coordenador geral da instituição, para trabalhar, também, no turno da tarde, com os alunos dos Cursos e Oficinas. Estes que eram oferecidos gratuitamente pela Instituição aos alunos da Escola e da Comunidade e serviam, dentre outros, para complementar o processo educativo.

Foi o início do meu trajeto e encantamento pela educação não-formal, pois, naquele espaço via jovens felizes, animados, querendo estar ali, sentindo-se escutados e reconhecidos. Poucos gritos, muita cumplicidade...

Mediante os fatos, percebi-me instigada a entender melhor aquela realidade, pois já acreditava que o papel da Educação está além do compromisso instrucional, está na necessidade de trabalhar questões de vida, a auto-estima, os projetos pessoais, enfim, está nas “subjetividades”.

O ambiente do Novo Lar era peculiar, pois havia grupos distintos de educadores; o grupo de professores da educação formal e o que trabalhava com os cursos e oficinas. O primeiro, responsável pela formação da educação básica, ensino fundamental incompleto de 1ª à 5ª série, era “cedido” pela Prefeitura do Município, e a maioria dos professores graduados. O outro, era constituído de técnicos nas áreas específicas de atuação: habilidades manuais, música, artes, corporeidade, gráfica, entre outros. Na maioria, formação no ensino médio e cursos técnicos e eram contratados diretamente pela Instituição.

Na vivência próxima aos alunos, percebi que tinham grande prazer em conviver naquele ambiente, especialmente nos cursos e oficinas. Então, fiquei instigada em conhecer melhor o que havia no trabalho daqueles educadores. Como coordenadora pedagógica, da educação não-formal me senti desafiada a mergulhar naquele mundo de interrogações...

Um ano após, realizei um curso de especialização em Educação social em São Paulo, onde pude ampliar meus conhecimentos, minhas interrogações e inquietações acerca da temática.

“Deixei” aquele espaço de trabalho a fim de me aventurar no Mestrado e buscar novos rumos. Queria ver os profissionais com práticas mais qualificadas para que resultasse em trabalho mais significativo e de qualidade para a juventude. Com base nestas vivências, decidi, agora com outros olhos e com outro tipo de presença, retornar à Instituição como pesquisadora, desejando compreender o papel do Educador social, este profissional que presta serviços à sociedade, mas que pouco se reconhece como tal. Não há Legislação formal que o legitime, pois são reconhecidos como instrutores, monitores e não EDUCADORES, com toda a profundidade a que a palavra remete.

Diferente da Educação formal, este tipo de Educador, no Brasil, não necessita de titulação específica e conhecimentos pontuais sobre infância e adolescência. São pessoas que aprendem fazendo, acertando e errando, construindo juntos o caminhar, norteado pelos princípios e objetivos da Instituição. Mesmo assim, resgatam vidas, educam mentes, corpos e almas.

A relevância deste assunto encontrei, justamente, em traçar com estas pessoas a sua trajetória, formação, vivências e desempenhos, bem como conhecer suas percepções e expectativas. Enfim, queria entender como eles se vêem e dimensionam seu trabalho na

própria vida e, na vida dos jovens que orientam, acreditando que o auto-conhecimento, norteia ações e práticas; por isso, optei por trabalhar com a metodologia de pesquisa de cunho qualitativo, através de estudo de caso.

Assim, diante do exposto, buscando compreender o mundo vivido pelos Educadores sociais, pergunto:

1.1 PROBLEMA

Como os Educadores sociais percebem a sua trajetória, a sua formação para realizarem o trabalho em Educação social? Que outros rumos eles vêem como perspectiva de trabalho neste campo?

1.2 OBJETIVOS

- Pontuar quais os conceitos de Educação Social estão presentes no imaginário dos Educadores sociais;
- Investigar a respeito das dificuldades e facilidades presentes no cotidiano da prática educativa dos Educadores sociais;
- Conhecer se há preocupação real dos educadores em relação à sua na qualificação docente;
- Analisar como estes Educadores sociais se capacitam para tal.
- Verificar as expectativas deste educador em relação ao seu trabalho.

2 MÉTODO

2.1 MÉTODO, PARADIGMA E ABORDAGEM

Relevante é utilizar um método adequado de pesquisa, pois parafraseando Engers: “Não é você que escolhe o método a ser utilizado para a pesquisa, mas a pesquisa que indica o tipo de método que você necessita”.(anotações de sala de aula, 2006)

Segundo Pádua (2000), a cientificidade do estudo é uma questão relevante que está vinculada a vários fatores, entre os quais, o método, que vem sendo discutido por inúmeros autores ao longo do tempo. Estes e outros temas tomaram corpo mais recentemente quando entraram em discussão diferentes paradigmas e suas peculiaridades.

As questões sobre o método advêm da filosofia antiga, desde os primeiros pensadores e grandes descobridores dos conceitos mais importantes para a evolução humana. Pensadores como Sócrates, Euclides, Platão, Aristóteles utilizaram uma visão totalizante às interpretações que fizeram de mundo, enfatizando a técnica, tendo como ponto de partida a fundamentação na matemática e na geometria, porém este sentido de método não é o mesmo que assumiu a filosofia moderna. Rousseau, Karl Marx, Augusto Comte propuseram enfoques na Filosofia das Ciências. Comte enfatizou o positivismo, como o pensamento de que os fatos devam ser analisados sistematicamente, devendo ser natureza e sociedade apreendidas e controladas. As influências desses pensadores foram definitivas e polêmicas sobre os destinos do método científico, mas retomadas sob diferentes perspectivas por pensadores do século XX.

Na passagem do período medieval para o período moderno, houve uma ruptura quanto à compreensão da realidade, uma ruptura entre filosofia e ciência, entre o que era ou não científico. Houve a passagem de um pensamento filosófico, para um posicionamento de ação, de experimento. Pádua explica: “O método substitui os mitos, as religiões, pela racionalidade, pela lógica, pela objetividade, a fim de captar e manipular uma realidade a partir de uma base experimental” (2000, p. 26).

De acordo com Engers (1999, p.111-120) a 1ª fase do conhecimento, na concepção de Lincoln & Guba (1985), foi pré-positivista vinculava-se às reflexões filosóficas de racionalidade; o método científico era a dedução. Havia certa passividade da comunidade, que aceitava a palavra de autoridade como verdade, o conhecimento era dado. Já a 2ª fase,

positivista, a ênfase recaiu na atividade, no quantitativo. Esta foi a mais longa e englobou uma série de posicionamentos, vinculando o conhecimento, ora ao método dedutivo, ora ao indutivo, dependendo da corrente teórica adotada. A 3ª fase, em reação aos posicionamentos anteriores, privilegia as ciências humanas, constitui-se no pós-positivismo, que tem na subjetividade e no qualitativo forte acento, utilizando o método indutivo. Castro (1994) discutindo as questões vinculadas ao novo paradigma e apoiada em Lincoln & Guba (1985), enfatiza que este paradigma que trabalha com seres humanos, reconhece as suas vivências, emoções, *insights* e propicia interação entre pesquisador e pesquisado.

Segundo Morin (1989, p. 35):

Sem procurar estabelecer leis a qualquer preço, a visão contemporânea de método busca um pensamento transdisciplinar, um pensamento que não se quebre nas fronteiras entre as disciplinas. O que interessa é o fenômeno multidimensional e não a disciplina que recorta uma dimensão deste fenômeno. Tudo o que é humano é ao mesmo tempo psíquico, sociológico e econômico, histórico, demográfico...

Ora, se os problemas e questões contemporâneas dizem respeito aos problemas de ordem filosófica, essa não pode ficar alheia ao desenvolvimento histórico da ciência.

A produção do conhecimento, sendo processual, e visto que o processo acontece dentro de uma realidade histórica, individual e coletiva, fruto da ação humana, faz com que o método não possa ser aplicado de forma linear e neutra, como afirma a ciência positivista.

Logo, o método, especialmente na concepção abordada por este trabalho, inclusive por tratar-se de uma pesquisa da área das ciências humanas, considera as questões do todo implícitas na condição humana, isto é, a história pessoal e coletiva da instituição e das pessoas, as representações de identidade, os percursos de vida, tanto dos “objetos” de pesquisa, quanto do pesquisador, são um emaranhado de fios que compõem a tessitura na impressão das descobertas.

Esta pesquisa, conforme sua questão central apontou, está voltada para a abordagem do Estudo de caso, que tem como objetivo responder o “como” e o “por quê?” dos fatos e focaliza a análise de acontecimentos contemporâneos. Segundo Yin (2001, p. 19), é utilizado: “quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”.

O estudo de caso coloca o pesquisador junto a um espaço, permitindo compreender fenômenos sociais complexos das Instituições. “Permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real” (*id.* p. 20).

Então, eu trabalho com o paradigma qualitativo construtivista, naturalista e em uma abordagem de estudo de caso.

2.2 PARTICIPANTES

Os participantes deste estudo foram quatorze (14) educadores, sendo quatro (4) destes responsáveis pelo serviço de coordenação da Instituição. Todos os educadores possuem formação inicial distinta e diferentes graus de escolaridade. Trata-se de uma Instituição Social Salesiana, localizada no Município de Viamão, região metropolitana de Porto Alegre. Os educadores são contratados e remunerados, para desenvolverem trabalho educativo de formação técnica, humana e cristã, junto a crianças e adolescentes da comunidade. A obra volta sua ação educativa preferencialmente, para crianças e adolescentes considerados em situação de risco social em função de:

1. Apresentarem altos índices de repetência escolar e déficit na relação idade/anos de escolarização;
2. Pertencerem a uma camada social de pobreza e miserabilidade econômica;
3. Conviverem, usarem ou terem sido usuários de drogas ilícitas;
4. Estarem inseridos em programas sociais públicos (Federais/Estaduais/Municipais) de prevenção ou recuperação, cumprindo medidas-sócio-educativas.

A maioria dos educadores iniciou esta prática educativa sem a pretensão de trabalhar com educação. Receberam o convite para trabalhar como técnicos, prestando serviço à Instituição e foram convocados para o trabalho pedagógico. A formação inicial dos educadores é a de publicitário, digitadora, costureira, cabeleireira, técnico em elétrica, músico, psicóloga, assistente social, estudante de Filosofia, Teólogo, professora de Educação Física e Pedagoga. Mesmo os profissionais que possuem graduação apresentavam pequena ou nenhuma experiência com educação ou com a educação voltada para o campo social. Os pontos comuns entre os educadores, no aspecto de caminhada profissional e de ação, são:

* A resignificação que este trabalho trouxe à suas vidas;

* O fato de terem se tornado educadores na ação de fazer educação, e especialmente, o amor que demonstram frente a este trabalho e a vontade de fazer melhor e cada vez mais pelos educandos.

Conforme o educador presença afirma: *“Eu não estava direto com os jovens, mas poderia, na cozinha e dispensa trabalhar e pensar nos jovens, com meu coração nos jovens”*.

Nas páginas que seguem, estarei apresentando, de forma simbólica, um pouco mais destes sujeitos da pesquisa. Na busca de manter o sigilo necessário a uma pesquisa científica, mas no intuito de não deixar que se perca a humanidade, a pessoalidade, cada educador será referido a partir de sua “palavra força”, a idéia de como estes se enxergam no contexto educativo que tecem diariamente, revelando um pouco da essência e identidade de Educador (a) social. Perguntei aos participantes qual a palavra força os identificava na ação educadora. Algumas das palavras escolhidas foram mantidas e outras trocadas por palavras mais adequadas à narrativa dos educadores. As palavras respectivamente designadas foram:

- SOLIDÁRIA;
- PRESENÇA;
- TECNICISTA;
- APRENDENTE;
- TRANSFORMADOR;
- OUVIDORA;
- LUTADOR;
- TRABALHADORA;
- ORIENTADORA;
- PASTORA;
- COMPROMETIDA;
- PERSEVERANTE;
- PERFECCIONISTA;
- AMOROSO.

Figura 1 – Educadora Solidária



Fonte: Novo Lar de Menores – Viamão/RS

SOLIDÁRIA

Idade: 40 anos

Sexo: Feminino

Tempo de atuação: 3 anos

Escolaridade: Ensino Fundamental completo

Um educador social tem que ser ele. Fazer pelos alunos, buscar se tem alguém com problemas... Quando agente olha para o aluno sabe se está bem ou não e vai lá e conversa, ajuda.

Ser solidária é não olhar a partir do seu próprio ponto de vista, mas considerar o outro e auxiliá-lo a partir de onde ele está. A Educadora solidária não sabia bem o que iria fazer naquele trabalho, com aqueles alunos, mas sabia que queria ajudar, tinha um ofício a ser cumprido, queria melhorar a vida daquelas crianças e jovens em situação de vulnerabilidade.

Ao ensinar seu ofício, estaria contribuindo para que jovens pudessem conseguir um emprego, sustentar a família, melhorar de vida. Mas isso, com o tempo, não foi o mais importante, relevante mesmo, foi o carinho e o amor que transmitia a seus educandos, jovens que se sentiam incapazes de realizar uma tarefa com competência, mas que, encorajados em sua auto-estima, revelam-se eficientes e talentosos.

Considera hoje que este ofício é a sua vida e nele alia sua necessidade de trabalho, para o sustento e manutenção, com o desejo de fazer o bem e contribuir para a melhoria de vida de jovens e crianças sedentos de um olhar, de um toque de solidariedade.

Figura 2 – Educador Presença



Fonte: Novo Lar de Menores – Viamão/RS

PRESENCIA

Idade: 21 anos

Sexo: Masculino

Tempo de atuação: 2 anos

Escolaridade: 3º grau incompleto/ Filosofia

O educador social tem que ser uma pessoa muito presente de corpo e alma, uma pessoa que escute, e conheça onde vai pisar, para não ficar atirando para todos os lados. Ter os pés no chão. A ação educativa se dá pela presença, pela presença educativa.

Educador com muitos ideais... Um jovem que acredita na juventude e no potencial dos jovens.

Mesmo quando trabalhava longe dos jovens, em outras funções na Instituição, não perdia a vontade de estar junto deles. Sabia que gostava exatamente deste espaço, da proximidade com os educandos.

Bastante envolvido com as questões religiosas de sua função de vocacionado, procura ser presença entre os educandos e educadores, não apenas como quem ensina uma profissionalização, mas, especialmente, colocando-se junto a estes jovens para aprender sobre a vida e com a vida. Mostra também suas fraquezas e limitações e assim serve como exemplo de quem não sabendo fazer, tenta, investe na busca pela aprendizagem. *“Aprendi muito com eles na oficina de marcenaria não acreditava em mim mesmo e não tinha a habilidade de cortar... Ia estimulando eles dizendo que também não sabia e estava conseguindo...”*

Para ele, estar presente nos espaços de aula e nos espaços de lazer que a Instituição oferece aos jovens é uma maneira de educar evangelizando e evangelizar educando, conforme os preceitos de Dom Bosco.

Figura 3 – Educador Tecnicista



Fonte: Novo Lar de Menores – Viamão/RS

TECNICISTA

Idade: 21 anos

Sexo: Masculino

Tempo de atuação: 4 anos

Escolaridade: Graduação incompleta/ Engenharia Elétrica

Ajudar o garoto evoluir através do conhecimento que é a palavra chave. Para inserir-se no mercado, precisa estar socializado.

A ênfase do trabalho deste educador está na qualificação, e para ele, qualificar é ensinar a técnica, ou enquanto trabalha questões de cidadania é para adaptar o jovem às necessidades sociais.

Com uma visão bastante tecnicista, originária de sua formação em Elétrica, coloca-se como aprendente neste contexto educativo, pois diz que nunca trabalhou com jovens e já evoluiu bastante em suas concepções sobre educação, conseguindo enxergar formas diferentes de analisar o ato de educar.

Deseja a qualificação destes jovens, para que sejam vistos nesta sociedade que os tem como invisíveis, já que participam minimamente inclusive do poder de consumo do País, por isso, enfatiza a técnica como força para o desenvolvimento, o que tem a ver diretamente, com a experiência enquanto educando e com sua personalidade.

Um educador que gosta muito daquilo que faz e procura fazer o melhor no que se propõe, estando sempre aberto ao crescimento pessoal e profissional. Alguém que almeja para si e para seus educandos o desenvolvimento profissional.

Figura 4 – Educadora Aprendiz



Fonte: Novo Lar de Menores – Viamão/RS

APRENDENTE

Idade: 46 anos

Sexo: Feminino

Tempo de atuação: 1 ano e 3 meses

Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto

É a primeira vez como educadora, mas como gosto de desafios... Cada ano é uma renovação.

Como os demais, uma pessoa que não pensava em ser educadora. Iniciou seu trabalho na Instituição em outra função que também exigia dedicação, mas não igual a responsabilidade de educar. Colocou-se frente ao risco de ter sucesso ou fracassar no seu ofício. Todos os dias arrisca e se desafia para acertar. Desenvolve-se ao trabalhar com os educandos.

Está na Instituição há um (1) ano e três (3) meses, como educadora e ensina também adultos, mães das crianças e dos jovens. Pretende terminar o ensino médio em 2007 e formar-se. Quer crescer e se desenvolver sempre mais. Acredita no potencial dos jovens e diz que aprende muito com eles. Realiza-se quando conseguem aprender o que ela ensina, pois é ciente de que, com um pequeno gesto, poderá estar mudando uma vida.

Figura 5 – Educador Transformador



Fonte: Novo Lar de Menores – Viamão/RS

TRANSFORMADOR

Idade: 37 anos

Sexo: Masculino

Tempo de atuação: 3 anos

Escolaridade: 3º grau incompleto/ Pedagogia

O acesso à educação é precário, a cultura é precária. Além do conteúdo técnico, temos que passar uma educação de valores. Pegar alunos com baixa estima, sem perspectiva e fazer eles pensarem que eles tem um lugar também.

Presente para a Instituição e presença nela, desde 2003. Estudante de Pedagogia, atualmente com o curso trancado por questões financeiras, sentiu-se motivado a estudar pelas questões que busca incessantemente responder no seu dia-a-dia e através de sua ação educativa. Inquieto e questionador sobre questões referentes à educação de qualidade para a clientela da Instituição, tem o compromisso de auxiliar para a transformação de vidas.

Através do exemplo, cativa diversos educandos para as aulas de música e violão e ensina pessoas que, por vezes, sentiam-se incapazes de “solar” sequer uma nota musical, fato que contribui para a resiliência e o desenvolvimento potencial destes jovens já rotulados para o insucesso.

Idealista em seus posicionamentos, acredita na educação como fator pulsante de vida e aposta na qualificação como determinante para o fortalecimento dos objetivos e metas da Instituição.

Figura 6 – Educadora Ouvidora



Fonte: Novo Lar de Menores – Viamão/RS

OUVIDORA

Idade: 28 anos

Sexo: Feminino

Tempo de atuação: 1 ano e 6 meses

Escolaridade: 3º Grau-Educação Física / Pós-graduação (incompleta)

É uma responsabilidade... Mostrar para eles que eles são cidadãos, são valorizados, que precisam se ver como cidadãos, precisam se respeitar, que eles podem e conseguem, basta querer.

A educadora está na Instituição a um (1) ano e seis (6) meses. Apesar de ter iniciado na Instituição inesperadamente, já trabalhava como Educadora social em Programa do ônibus Brincalhão, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, onde realizava atividades sócio-educativas junto às comunidades carentes. Formada em Educação Física e realizando Pós-graduação através de um Programa estadual de capacitação à distância, coloca-se em busca de qualificação constante, para exercer cada vez melhor seu ofício de Educadora social.

No início do trabalho sentia-se insegura, pois era uma mulher trabalhando com um time de futsal... Aos poucos, foi percebendo que o objetivo da Oficina não era apenas ensinar técnicas e táticas do esporte e sim educar para a vida. Assim, começou a escutar mais seus alunos, que traziam conflitos de sua realidade social e familiar. Formou ali um verdadeiro grupo, que partilha experiências e realidades.

Coordena um Projeto Estadual sediado pela Instituição, chamado “Segundo tempo” e orgulha-se do baixo índice de evasão dos educandos e da amplitude de prevenção de saúde e vida a que a Oficina vem contribuindo.

Figura 7 – Educador Lutador



Fonte: Novo Lar de Menores – Viamão/RS

LUTADOR

Idade: 25 anos

Sexo: Masculino

Tempo de atuação: 3 anos

Escolaridade: 2º grau incompleto

Nunca perca os seus objetivos. Meus objetivos não perco nunca... Quando entrei aqui, pensei que esta escola teria o melhor curso de dança de Viamão e hoje é, com luta, empenho, trabalho, dedicação. Quando me dedico ao que quero, perco até o sono...

O Educador lutador está trabalhando na Instituição há cerca de três (3) anos. É um jovem educador que se sentiu muito desafiado a trabalhar com aulas de dança... É um dançarino de *Street dance* e não se considera um educador, e sim um instrutor, porque acredita que não tem formação suficiente para ser um educador.

Segundo ele, trabalha com a clientela mais “problemática” da Instituição, pois os alunos que são usuários de droga e com problemas familiares mais graves buscam se inscrever na dança de rua, talvez por esta servir de linguagem para a expressão das questões de suas realidades de vida. O educador se define como alguém que é referência para os jovens, que seguidamente o procuram para desabafar seus problemas pessoais.

Apesar da inexperiência, o lutador é um educador que tem a cara da juventude do Novo Lar, pois fala a linguagem deles com o corpo e com a alma, então entende melhor aquilo que eles vivem e sofrem.

É dedicado, interessado em fazer melhor. Acredita na vitória e a busca através do seu trabalho, para si e para os jovens. Penso que seja muito mais capaz do que ele reconheça ser, porque, mesmo nos momentos de conflito pelos quais passou, colocou-se para refletir e aprendeu lições com o que vivenciou.

Pretende terminar o Ensino médio, no próximo ano e está em um momento de reflexão sobre seu futuro pessoal e profissional, pois tem medo de que a dança não lhe garanta melhores condições de vida. O certo é que está em caminhada e seja qual for a decisão a ser tomada, estará trabalhando em prol da luta pessoal e da juventude.

Figura 8 – Educadora Trabalhadora



Fonte: Novo Lar de Menores – Viamão/RS

TRABALHADORA

Idade: 36 anos

Sexo: Feminino

Tempo de atuação: 8 anos

Escolaridade: 3º grau- Psicologia / Pós- graduação (incompleta)

Vontade grande de fazer as coisas. Tenho empolgação por aquilo que eu faço. Uma das áreas que mais me satisfaz é o trabalho. Se pudesse colocar em escala, diria: 1º meus filhos e depois o meu trabalho. Eu não seria eu, se não tivesse o meu trabalho.

Sua formação inicial é a Psicologia e o projeto que desenvolve na Instituição é custeado por um Padre Salesiano Italiano, que junto a um grupo de colaboradores, mantém o Setor de psicologia.

Uma educadora preocupada em trabalhar da melhor maneira para auxiliar no desenvolvimento das crianças e jovens. Atua nas duas frentes da Instituição, escola e cursos, sempre fundamentando o seu trabalho na prevenção.

Por vezes, sente-se insegura quanto ao reconhecimento da psicologia como serviço de promoção, visto que este é considerado como espaço de resolver problemas urgentes, ou “apagar fogo”, como a própria define. Mesmo assim, sente-se responsável pelas centenas de crianças e jovens dessasistidas que atende.

Acredita na proposta educativa da Instituição e, por isso, sabe pontuar aquilo que precisa melhorar para que o trabalho seja efetivamente de promoção, e percebendo-se responsável, tanto pelos sucessos, quanto pelos desafios emergentes.

Busca qualificação constante, calcada nas leituras e participação em eventos da área. É uma educadora de visão ampla, que deseja rumos de eficiência para o trabalho emocional dos jovens.

Figura 9 – Educadora Orientadora



Fonte: Novo Lar de Menores – Viamão/RS

ORIENTADORA

Idade: 38 anos

Sexo: Feminino

Tempo de atuação: 9 anos

Escolaridade: 3º grau – Pedagoga Orientação educacional

Porque quando fazemos um trabalho temos que estar sempre abertos, com um olhar paciente, ter um tempo de entrega. Entrego-me para o trabalho.

Sua formação inicial é em Artes. Trabalhava com artes manuais e era expositora em Feiras cooperativas no Município de Viamão. Trabalha na Instituição há nove (9) anos e recebeu um convite dos Padres, após ter sido indicada por pessoas da Prefeitura de Viamão, ligadas à Feira. Trabalha com turmas de mães, crianças e jovens através do curso de Arte criativa e reciclagem.

Em função de não ter experiência com crianças e jovens, sentiu-se desafiada no início do trabalho. Até por isto, foi buscar novos conhecimentos para melhor atuar na sua prática. Procurou realizar formação na área da Pedagogia e formou-se neste ano em Orientação Educacional. Demonstra estar voltada para esta nova formação, com expectativas de aliar o seu trabalho com esta nova modalidade. Preocupa-se bastante com as dificuldades de aprendizagem que as crianças demonstram e deseja realizar um Projeto na Instituição que os auxilie em sanar tais dificuldades. Para tanto, sugere a construção de jogos pedagógicos e outros materiais que facilite o processo de ensino-aprendizagem.

Pontua que a formação dos Educadores sociais da Obra necessita novo ânimo e que este deve ser dado, através de estudos que fomentem ainda mais a reflexão e gerem subsídios para auxiliar na ação educativa.

Figura 10 – Professora Pastora

Fonte: Novo Lar de Menores – Viamão/RS

PASTORA

Idade: 29 anos

Sexo: Feminino

Tempo de atuação: 5 anos

Escolaridade: 3º grau / Psicologia

Vejo-me presente nos educadores, na equipe, na Obra, nos educandos. Gostaria de estar muito mais presente, auxiliando, mas pela limitação de tempo de horário, acabo sendo presente nos momentos em que eu estou.

A educadora Pastora está na Instituição a cinco (5) anos. Iniciou seu trabalho como instrutora de teatro e hoje é Coordenadora de Pastoral da Instituição e da Articulação da Juventude Salesiana.

Quando chegou ao Novo Lar, sentiu-se desafiada com o trabalho, pois estava iniciando-se como educadora e num momento de escolhas... Deixou de clinicar na área da psicologia e optou por trabalhar com educação e com grupos.

Uma educadora dedicada e fiel aos princípios educativos salesianos e da Educação Social. Está em busca do crescimento a cada dia e do auxílio de tantos quanto possível, para o pleno desenvolvimento. É uma educadora muito engajada na Instituição e, às vezes, sofre quando as coisas não funcionam como deveriam, pois valoriza as construções e a riqueza das transformações dos jovens que se engajam no processo.

Coloca-se como aprendiz e reconhece que é necessário maior formação e reflexão sobre a ação para um melhor desenvolvimento profissional, especialmente nesta área.

É alguém que ama a juventude e acredita muito no potencial destes, por esse motivo, é amiga e presença junto aos jovens. Para os educadores é sinônimo de força, determinação e objetividade, auxiliando nas definições e resoluções necessárias.

Figura 11 – Educadora Comprometida



Fonte: Novo Lar de Menores – Viamão/RS

COMPROMETIDA

Idade: 31 anos

Sexo: Feminino

Tempo de atuação: 1 ano e 8 meses

Escolaridade: 3º grau / Serviço Social

Com toda a dificuldade que tive, pelos passos que dei, pelo processo de amadurecimento e crescimento e isto aconteceu, é porque fui comprometida. No momento que assinei o contrato com a Obra pensei: é um comprometimento que tenho que ter.

A Educadora comprometida é Assistente Social e iniciou seu trabalho, como educadora do programa Agente Jovem do Governo Federal, o qual a Instituição, em parceria com a Prefeitura Municipal, sedia o espaço para sua implementação. Assumiu o trabalho como coordenadora pedagógica e assistente de coordenação há um ano e meio e sentiu-se muito desafiada por trabalhar numa nova atuação, que lhe exigiu muita dedicação e empenho.

Coloca o olhar de profissional do serviço social em todas as frentes de atuação, buscando a proximidade dos jovens e das famílias, sendo referência para estes. Acredita muito nos educadores da Instituição, mas percebe que o grupo poderia caminhar ainda mais quanto ao estudo e reflexões de sua ação pedagógica.

Muito comprometida com a Instituição, está sempre presente, viabilizando o fazer pedagógico, que tanto a desafia. Sente-se em busca de uma melhor atuação na coordenação pedagógica, pois percebe que possui poucos elementos que fundamentem esta ação, mas se coloca em busca, descobrindo a cada dia como auxiliar mais para o crescimento do grupo e da Instituição.

Figura 12 – Educador Perseverante



Fonte: Novo Lar de Menores – Viamão/RS

PERSEVERANTE

Idade: 27 anos

Sexo: Masculino

Tempo de atuação: 11 meses

Escolaridade: 3º grau / Comunicação Social-Publicidade e Propaganda

Várias vezes eu pensei em desistir. Por causa de situações que a gente se envolve você está fazendo várias coisas e as coisas não fluem, as coisas se amarram... É preciso pensar além. Estou sendo perseverante e tenho muita paciência. Aprendi a ouvir mais e entender. Não desistir mesmo...

O educador perseverante trabalha na Instituição há menos de um (1) ano. Tem como formação inicial Publicidade e Propaganda e aceitou o desafio de trabalhar com Informática, especialmente pela vontade de estar junto à juventude.

Natural de São Paulo, recebeu indicação de trabalhar como educador e logo na chegada, substituiu a coordenadora de pastoral por seis (6) meses, atuando na liderança do grupo de Articulação da Juventude Salesiana. Foi um grande desafio, mas não para quem, como ele, já tinha uma experiência e engajamento com grupos de jovem.

Nunca trabalhou como educador e sentiu-se desafiado a transformar o espaço de sala de aula num local de aprendizagem profissional, humana e espaço de alegria e integração. Com um forte espírito de busca e desejo de fazer uma prática competente, sana suas dúvidas através da internet e no contato e apoio de amigos na Instituição.

Deseja continuar seus estudos e qualificação, agora na área da informática e futuramente lecionar como formador de profissionais para o trabalho que hoje realiza.

É um apaixonado pela proposta Salesiana de educação e se incomoda quando esta metodologia é mal empregada. Acredita no trabalho promocional Salesiano e, assim, suas aulas nunca são só de informática, sempre vislumbram uma mudança humana, para transformação de hábitos e atitudes dos jovens. Pensa em transformar suas maneiras e qualificá-los para ter espaço no mercado de trabalho.

Perseverante, acreditando no seu trabalho e no potencial dos jovens, segue com obstinação e busca envolver-se em todas as frentes da Instituição, pois acredita que só assim o Projeto de Dom Bosco pode efetivamente se realizar.

Figura 13 – Educadora Perfeccionista



Fonte: Novo Lar de Menores – Viamão/RS

PERFECCIONISTA

Idade: 28 anos

Sexo: Feminino

Tempo de atuação: 9 anos

Escolaridade: Ensino médio incompleto

Sou muito perfeccionista. Tenho um perfil organizado e organizador. Me irrita quando alguém não rende como eu. Não gosto quando a pessoa custa demora a entender.

Presente na Instituição há nove (9) anos, iniciou seu trabalho quando foi indicada por sua professora de digitação para assumir aulas na Instituição. Sua formação inicial está no Ensino Médio, tendo também o curso técnico em datilografia e digitação. Sua caminhada profissional na Instituição foi exatamente essa, começou trabalhando como educadora de datilografia, depois digitação e hoje trabalha com o curso de auxiliar administrativo, que é um curso voltado para o mercado de trabalho.

Vê a Educação social como a educação voltada àqueles que não têm condições de custear curso pago, então, educação voltada para pessoas mais carentes. Não acredita na gratuidade, acha que as pessoas valorizam o que têm quando pagam para isto, por isso percebe que muitos de seus alunos não valorizam o suficiente o curso. Mesmo assim, procura fazer o seu trabalho com competência e qualidade.

Acredita que precisa qualificar-se cada vez mais e, para isso, busca muitas informações pela internet. Deseja cursar Faculdade de Psicologia, pois gosta de ouvir os jovens e fazer com que eles percebam o próprio crescimento. Realiza espaços de auto-avaliação no curso, o que auxilia na percepção das limitações e sucesso.

Fica feliz quando vê seus jovens inseridos no mercado de trabalho, quando isto acontece sente que o trabalho valeu a pena.

Figura 14 – Educador Amoroso



Fonte: Novo Lar de Menores – Viamão/RS

AMOROSO

Idade: 61 anos

Sexo: Masculino

Tempo de atuação: 2 anos

Escolaridade: Mestrado

Só se educa, amando. Enquanto não se conquista o educando pelo amor, não inicia um processo educativo. Enquanto não se adquire a confiança, não existe abertura de coração e sem ela, não há educação. O melhor livro sobre educação não se encontra nas livrarias, mas no coração de cada educador. Este transforma, aquele intelectualiza.

Sacerdote há 32 anos. O semblante do Educador Amoroso personifica a doçura e a singeleza. Com uma fala leve e um olhar dócil, descreve sua experiência de trabalho e suas expectativas e perspectivas enquanto Salesiano e Educador.

O Educador Amoroso, já inicialmente, justifica que responderá as perguntas com simplicidade, pois não tem especialidade na área. E complementa... “*Tenho apenas um pouco de prática...*”.

Trabalhou grande parte de sua vida religiosa em casas de formação com seminaristas. Possui experiência com o trabalho educativo nos espaços não-formais, pois atuou na Obra Social Salesiana em Curitiba.

É formado em Filosofia, História, Geografia, Teologia e um curso de Espiritualidade Salesiana em Roma. Por dois (2) anos, dirige a Instituição, sendo uma presença de alegria para a comunidade educativa.

Sua concepção de Educação social é que esta trata da educação que sensibiliza para a abertura ao outro, à sociedade e à comunidade. Trabalha para a conscientização de que não somos ilhas e, por isso, temos corresponsabilidade diante dos outros.

Sente que, nos últimos anos, a formação oferecida pela Congregação trouxe crescimento às Obras Sociais, que o trabalho social Salesiano vem crescendo muito, gerando qualidade na ação educativa, aumento do número de educandos e melhora na formação dos educadores leigos e dos educadores vocacionados.

Destaca que a grande característica dos educadores é a sua doação e o amor ao que fazem.

Valoriza muito os momentos de formação oferecidos pela Instituição, para a promoção do desenvolvimento integral das crianças e jovens e se coloca a caminho, buscando sempre a qualidade, através da vivência do Sistema Preventivo.

Concorda que existem desafios, mas os encara, exercitando o diálogo franco, acreditando na mudança pessoal e na capacidade de crescimento.

Seu foco de trabalho está na religiosidade, que o leva a acreditar na pessoa e tratar a todos como irmãos.

2.3 QUESTÕES DE PESQUISA

- O que os Educadores sociais entendem por Educação Social?
- Qual o entendimento dos Educadores sociais quanto ao seu campo de atuação?
- Como se dá a formação do Educador social?
- Como se dá a educação continuada dos Educadores sociais nos espaços das Instituições Sociais?
- Qual o tipo de formação necessária para garantir uma educação de qualidade nas Instituições Sociais na percepção dos Educadores sociais?
- Como os Educadores sociais e os Coordenadores percebem sua trajetória educativa junto ao trabalho com a Educação social?
- Quais as expectativas dos Educadores sociais em relação ao seu trabalho?

3 COLETA DE DADOS E INSTRUMENTOS

Segundo YIN (2001), é importante, através do Estudo de caso, realizar a observação direta dos acontecimentos e entrevistas com as pessoas envolvidas, lidar com uma variedade de evidências, documentos, artefatos, entrevistas e observações.

As observações realizadas durante a pesquisa ocorreram em momentos de reuniões pedagógicas para os educadores, reunião de equipe diretiva da Instituição; vivência junto ao intervalo dos educadores; presença no pátio com os educandos; presença em aula; lanche; eventos da Instituição.

Para fins de ensino, um Estudo de caso não precisa de uma interpretação completa, seu propósito é fornecer estruturas de discussão e debate (*id.*, p. 20) Mas para fins de pesquisa, é importante considerar que o Estudo de caso pressupõe aprofundamento do conhecimento sobre o tema em questão.

A investigação de Estudo de caso, segundo YIN (2001 p.32), se dá de três formas:

- enfrenta situação tecnicamente única que trará muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados como resultado;
- baseia-se em várias fontes de evidências com os dados, precisando convergir em um formato triangular e com outro resultado;
- beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e análise de dados.

Na aplicação da entrevista semi-estruturada, direcionada para Coordenadores e Educadores, foram necessários certos cuidados na pesquisa e coleta dos dados. Para tanto, foi importante observar os itens indicados por YIN (2001) para manter a qualidade e validade do processo de coleta:

- Fazer boas perguntas - interpretar as respostas;
- Ser bom ouvinte, sem se deixar enganar por suas próprias ideologias e preconceitos;
- Adaptável e flexível, que veja as situações como oportunidades e não ameaças;
- Saber o que está sendo estudado;
- Imparcial em relação a noções preconcebidas. Ser sensível e estar atenta às provas comprobatórias.

Como já citado, a entrevista aplicada foi semi-estruturada, às vezes ampliadas a partir do diálogo estabelecido entre entrevistador e entrevistado. As entrevistas foram gravadas e transcritas permitindo análise dos resultados.

Também foi importante, a análise dos documentos da Instituição, pois estes me colocaram em contato com a história escrita da Instituição e das pessoas que nela trabalham, contribuindo para a constatação e melhor compreensão, dos processos interpessoais e históricos da Instituição. Os documentos analisados foram: planos da Instituição (Projeto Educativo Pastoral - PEPS , Plano de Estudos dos educadores e cursos); publicações da mídia; documentos internos (chamada, calendários, roteiro de reuniões e fotografias).

Em relação às fotografias mencionadas, escolhi e utilizei fotografias de momentos vividos na Instituição, já que a fotografia serve como uma via de representação visual e auxílio na busca de compreensão e sentido. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da “palavra”, seu componente indispensável (VYGOTSKI 1998, p. 50).

Para Barthes (1980), a fotografia traz consigo duas significações numa única face: *o studium* e *o punctum*.

O *studium*, termo advindo do latim que significa estudo, investimento, é o conteúdo que está evidente na fotografia. É aquilo que está claro, sendo necessário apenas olhar a foto e constatar o que há nela. Está no plano material, pois é óbvio e intencional. O *punctum*, também advindo do latim, quer significar ponto, picada, pequeno orifício, seria o que está implícito na fotografia, mas não é intencional. É aquilo que mexe com nossos sentimentos, nos mobiliza. Está no plano simbólico e subjetivo. É aquela “impressão” que a imagem nos passa.

Certamente quando analisei *o studium* e *o punctum* nas fotografias da Instituição, compreendi melhor o seu significado, tive mais elementos para refletir como estes educadores identificam a si e ao seu trabalho com as palavras mencionadas. Assim, analisei as múltiplas facetas de representação dos dados.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 INTRODUÇÃO

La zorra y el pensamiento

Imagino el bosque de este momento de medianoche:
 Hay algo más que vive
 Junto a la soledad del reloj
 Y esta página en blanco por la que se mueven mis dedos.
 No veo estrella alguna a través de la ventana:
 Algo Más cercano
 Aunque más oculto en la oscuridad
 Penetra en la soledad:
 Frio, con la delicadeza de la nieve oscura,
 El hocico de una zorra toca con una ramita, una hoja:
 Dos ojos hacen un movimiento, que ahora,
 Y ahora otra vez, y ahora, y ahora
 Deja huellas nítidas en la nieve
 Entre los árboles, y con cautela una sombra
 Renqueante se rezaga tras un tronco y en el hueco
 De un cuerpo que osa adelantarse
 A través de los claros, un ojo,
 Un verdor que se expande y ahonda,
 Brillante, concentrado,
 Cumple su cometido
 Hasta que, con un súbito hedor ardiente y punzante de la zorra
 Penetra en el negro agujero de la cabeza.]
 La ventana sigue sin estrellas; el reloj marca su tictac,
 La hoja está escrita.

(*Ted HUGHES, The Hawk in the rain.*)

Conforme STAKE (1998, p. 67), não existe momento determinado para iniciar a análise de dados de um Estudo de caso, pois analisar significa falar sobre algo aparente. Assim, este fato aparente pode ser percebido no início, no meio ou no final da pesquisa, a partir da análise das partes ou do todo. A ênfase está naquilo que é importante para o pesquisador e/ou se aproxima do que lhe é “familiar”. Com o tempo e desenvolvimento da pesquisa, questões observadas inicialmente podem tornar-se relevantes, familiares à pesquisa, bem como fatores analisados no final, no cruzamento de dados.

El estudio cualitativo aprovecha las formas habituales de interpretar las cosas. Todas las personas tenemos mucha experiencia de encontrarnos con objetos y fenómenos extraños. En un primer momento, algunos de ellos no encajan con nada que nos resulte familiar, pero después, de repente, algo se nos hace familiar. Es como encontrarnos inesperadamente con alguien a quien nos habíamos visto desde hacía años (STAKE, 1995).

Houve alguns passos seguidos para a efetivação da análise de dados:

- 1º - Aplicação da entrevista semi-estruturada, através da gravação da conversa;
- 2º - Transcrição literal das falas dos entrevistados;
- 3º - Apresentação das falas aos entrevistados e autorização de análise das mesmas. (negociação de acordo com LINCOLN & GUBA 1985).

A partir daqui, utilizei os procedimentos de análise de acordo com Engers (1987), que são:

Após leitura e releitura, (BOURDIEU, 1977) para impregnação do material, passei para a metodologia de análise Engers (1987), primeiro a vertical, que diz respeito ao estudo de todos os itens para cada entrevistado. A segunda etapa foi análise horizontal, que trabalha cada questão em separado para todos os entrevistados, montando um quadro. A terceira e última etapa, é a síntese dos achados para chegar às categorias (exemplo em anexo).

Ao concluir a análise, cheguei as seguintes categorias que já estavam evidenciadas a priori e foram aprofundadas com a colaboração dos participantes da pesquisa e assim se constituíram:

- Educar no espaço não-formal;
- Educadores sociais Salesianos e o seu jardim;
- Ser Educador social;
- Educadores sociais: Sonhos, Expectativas e Desejos.

4.2 CONSTRUINDO AS TESSITURAS: CATEGORIZAÇÕES

A partir da coleta dos dados, é necessário interpretá-los, relacionando às questões de pesquisa iniciais, a fim de viabilizar reflexões sobre as descobertas, considerações sobre os achados da pesquisa.

Para tanto, realizei após a categorização, a triangulação (YIN, 2001) entre as evidências advindas das várias fontes de pesquisa coletadas. Os dados levantados foram aproximados e analisados aqui apresentando as categorias.

4.2.1 Educar no espaço não-formal

4.2.1.1 *Situando a educação não-formal*

Falar de educação é tratar de um processo que acontece no decorrer do desenvolvimento humano, desde o ato de fecundação até a morte, mediatizado pela ação e a interação do indivíduo, do ser, com o meio, em busca de novas elaborações, novas aprendizagens, conhecimentos.

Segundo Marta Kohl, estudiosa das teorias de Vygotsky (1996, p. 27) “A aprendizagem está relacionada ao desenvolvimento desde o início da vida humana...” E o próprio Vygotsky (1984, p. 101) ao referir-se ao desenvolvimento estabelece que é “um aspecto, necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas, culturalmente organizadas e especificamente humano”.

A possibilidade de refletir é única e exclusiva do ser humano e todo o sistema orgânico organiza-se para que, durante o tempo de vida, a pessoa possa aprender, desenvolver-se e evoluir. Há uma preparação integral para receber novas informações, realizar sinapses, que levam a novas categorias de conhecimento. Esses transformam, pois cada um muda seus comportamentos, sempre a um nível reflexivo, que justifica pensamentos e ações.

Sendo a aprendizagem um fator orgânico o que quer dizer natural, como limitar sua presença aos espaços escolarizados, construídos formalmente para o fim de educar?

Aprender é um processo natural, que foi e é ritualizado academicamente, no entanto a aprendizagem ocorre em diversos espaços e diversas circunstâncias. Para Cruz (2002, p. 72): “A Educação é a marca registrada da vida, ela acontece de forma genuína, livre de diversos mundos [...]”.

Segundo Fermoso (1994), a educação ocidental, em seu início dentro do mundo grego, fundamentava-se na educação não-formal, pois não se realizava em ambiente escolar e não seguia um currículo pré-determinado, tratava do ócio e das necessidades que iam surgindo progressivamente na sociedade.

A necessidade da educação não-formal veio da sociedade industrializada, pois o crescente desenvolvimento econômico da década de 1960 fez com que revisassem a educação sistemática e formal. Assim, a “escola paralela ou escola sem paredes” (HERNANDEZ, 2000, p. 126) diferenciou-se da escola da época que mantinha currículos e metodologias insuficientes. A Educadora Orientadora coloca: “*Também somos educadores sociais, por trabalharmos uma proposta paralela à educação formal*”.

O que não quer dizer que o ato de educar não possa ser mediado, até porque, educar é um ato político, carregado de intencionalidades. Segundo Brandão (2002, p. 55):

Toda educação sonha uma pessoa. Sonha um tipo de mundo realizado através de diferentes categorias de interações entre as pessoas. E uma diferença importante entre as propostas e os processos dos diferentes projetos de criação de pessoas, através do ofício de educar, está na maneira como cada um dos ideários pedagógicos possíveis pensa e faz interagir estas perguntas fundadoras que os gregos e outros nos deixaram: que tipo de mundo criar, manter ou transformar? Como e através de quem? Que pessoas podem, e como poderiam realizar isto? Qual o lugar e o alcance da educação em tudo isto?

A Educação pode ocorrer e ocorre, em espaços diversos, a partir da inter-relação, da vivência grupal, da partilha de experiências. Não é apenas na escola e nos espaços formais que se pode aprender, aprende-se também na família, com amigos e outros. Acreditar que se aprende em diversos espaços não significa pensar em criar “uma categoria anti-escolar ou um antagonismo à educação formal - escolar” (HERNANDEZ, 2000, p. 128) e sim refletir sobre espaços de aprendizagem de forma mais ampla, não necessariamente ligada às Escolas.

É importante localizar a Educação social, como uma categoria dos espaços não-formais de educação que surge, historicamente, para dar conta das necessidades que não são supridas pelo sistema escolar formal, complementando a capacitação social e cultural. Ao longo dos anos e especialmente no auge do modelo educacional tecnicista, o papel da educação se reduziu a ensinar conteúdos e aprender técnicas, deixando de lado a formação

social dos sujeitos. A Educadora Orientadora diz: *“Acho que toda a educação é social. Você pode trabalhar com criança de escola particular e estar trabalhando o social”*.

Destas questões surge o grande objetivo da educação, e especialmente, a Educação social, por não se limitar a “transmitir” conteúdos acadêmicos apenas, e sim formar pessoas, indivíduos com princípios melhores para o crescimento pessoal e coletivo. Conforme o Educador Transformador: *“Nossa educação vai além de passar conteúdo técnico. Além do conteúdo técnico, temos que passar uma educação de valores”*.

Acreditando neste tipo de educação, que liberta, humaniza e transforma é que considero o espaço educativo não-formal como relevante. Feroso (1994) defende que a construção do ser humano não está separada da construção do ser social, mas está condicionada por infindas redes coletivas, em que se desenvolve a matriz superior da pessoa: comunidade familiar, grupo de trabalho, comunidade social, e religiosa; e, último lugar, a experiência da relação pedagógica. O Educador Presença diz:

Quanto à escola, os jovens gostam bastante das atividades mais práticas.. Eles querem tocar. E as oficinas dão mais oportunidade que o ensino fundamental. Este é mais rígido e encarado em função do dever. Já na oficina abre mais perspectiva do Direito, de se expressar, trabalhar, fazer um curso, ir além...

E Petrus (2003, p. 52), referenda:

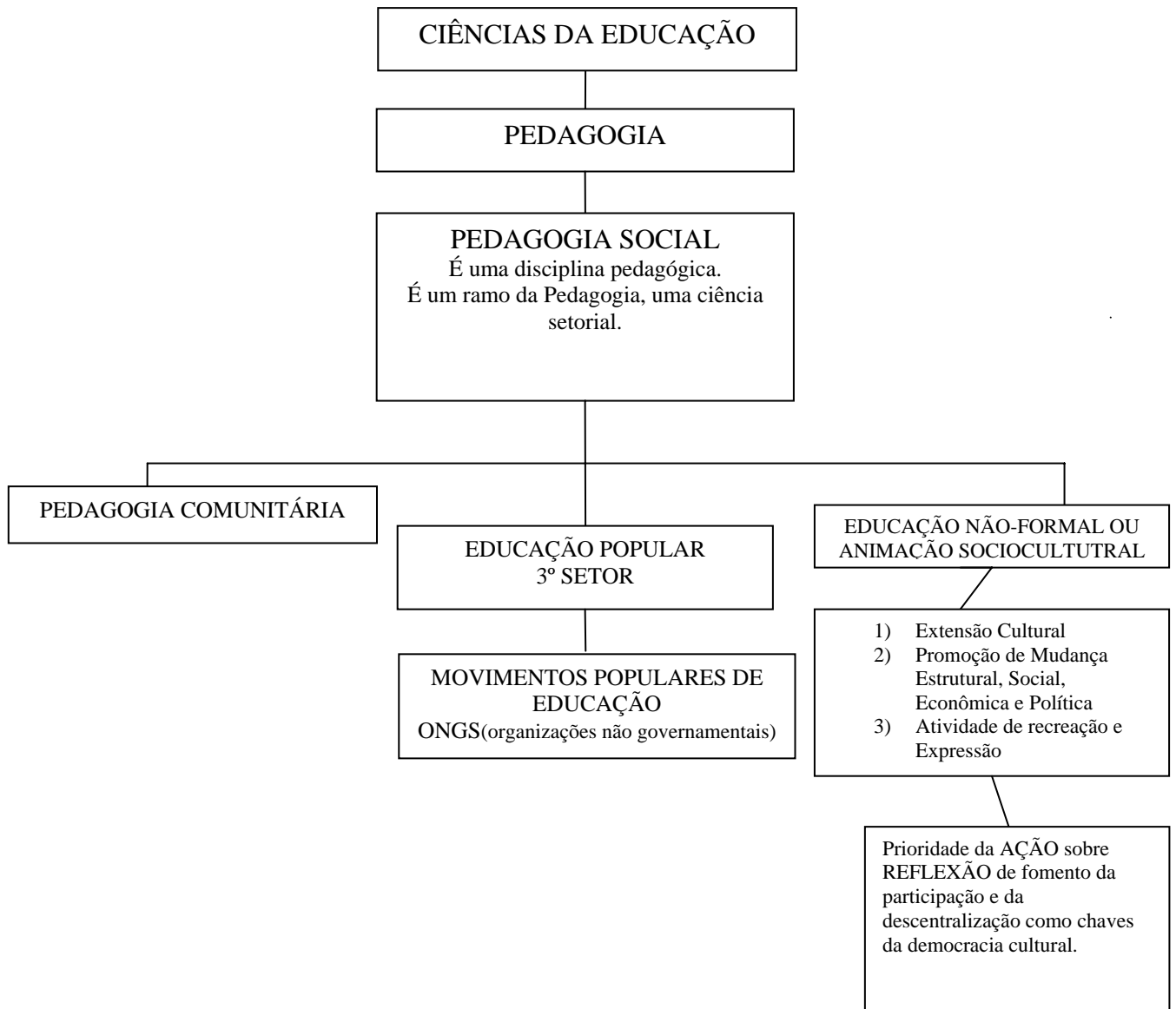
... a educação é responsabilidade de toda a sociedade. É resultado das instituições e das formas de relação. Os políticos são educadores - são principalmente educadores, dizia Platão - e a lei é um fator educativo, as cidades possibilitam ou limitam a educação de seus cidadãos e a economia tem mais influência pedagógica que a própria escola ou as políticas sociais. As relações, a cultura, o esporte e os espetáculos são também fatores pedagógicos. E os meios de comunicação incidem em qualquer um de nossos educandos tanto ou mais que o sistema escolar.

Portanto, espaços formais e não-formais deveriam buscar esta responsabilidade social que é direito e dever de todos os cidadãos. A Educadora Pastora referenda: *“Quando falo em social eu não vejo a situação do carente, mas vejo a questão de sociedade, de grupo, de realidade em que a gente vive”*.

É importante localizar a Educação social neste universo da Educação, para que tenhamos clareza no foco de sua ação:

O esquema temático a seguir, foi desenvolvido por Hernandez (2000, p. 121), com base teórica em Cabanas: 1991 1992 e 1994.

Figura 15 – Esquema Temático – Ciência da Educação



Fonte: Hernandez (2000)

Hernandez (2000 p.122), explica que, a Ciência da Educação constitui a categoria de uma *área* mãe que, no seu interior, situa a Pedagogia como uma área subsequente. Seguindo essa disposição está a Educação não-formal como terceira ramificação no campo da Pedagogia Social, situada entre a Pedagogia Comunitária e a Educação Popular.

A educação não-formal busca, como expressa Petrus (1997):

Desenvolver um trabalho no qual as pessoas sejam capazes de compreender o seu contexto sociopolítico-econômico-cultural, exercendo neste entorno, sua cidadania de forma adequada. O que revela tratar-se, assim como a educação formal, de uma ação intencional e, portanto, destinada a alcançar determinados fins, porém não em nível escolar. No que tange à educação não-formal, a concepção de educação permanente apresenta grandes semelhanças com a de desenvolvimento cultural da comunidade, não podendo ser posta em ação sem mudanças sociais profundas.

Conforme afirma a Educadora Solidária, tratando sobre a diferença entre a educação formal em relação à educação não-formal: *“A educação da Escola é bem diferente. Elas entram, dão aula e era isto, se aprendeu, aprendeu se não aprendeu, não aprendeu. E nós trabalhamos mais com o coração”*.

Nesta pesquisa, trato de uma Instituição que trabalha com crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social¹, a partir deste recorte da Educação não-formal ou animação sociocultural, buscando, segundo o destaque, extensão cultural; promoção de mudança estrutural, social, econômica e política; atividade de recreação e expressão.

4.2.1.2 *Pedagogia Social: Panorama Mundial*

A Pedagogia Social, enquanto Ciência da Pedagogia, teve sua origem na Alemanha em meados de 1850, como consequência da Revolução Industrial e da emergência de encontrar meios para solucionar as necessidades sociais. A industrialização produziu fortes movimentos migratórios, que ocasionou a explosão demográfica que levou a Alemanha a ter fortes problemas socioeconômicos. Assim, Fermoso (1994, p. 53), se expressa:

Los pedagogos pretendieron suavizar las tensiones entre el poder y la socialdemocracia. La pedagogia social representaba la concepción burguesa de la sociedad, que se defendía frente al proletariado naciente, aunque, por otro lado, buscara mejorar el nivel educativo de los trabajadores.

Romans et al (2003, p. 28) explicita que Jugendhilfe (ajuda a juventude) apresenta três sentidos diferentes: ajuda educativa, ajuda profissional e ajuda cultural a juventude. Para este autor a Educação Social, enquanto objeto da Pedagogia Social:

¹ Vulnerabilidade é conceito que pede recorrência a diversas unidades de análise — indivíduos, domicílios e comunidades —, além de recomendar que se identifiquem cenários e contextos (Vignoli, 2001, Arriagada, 2001 e Filgueira, 2001, entre outros). Pede portanto, diferentemente do conceito de exclusão, olhares para múltiplos planos e, em particular, para estruturas sociais vulnerabilizantes ou condicionamentos de vulnerabilidades(CASTRO e ABRAMOVAY.b2005)

“Dirige-se prioritariamente ao desenvolvimento da sociabilidade dos sujeitos; Têm como destinatários privilegiados indivíduos ou grupos em situação de conflito social; Têm lugar em contextos ou por meios educativos não-formais”.

Isto quer dizer que é uma educação voltada para espaços não-convencionais, que trabalha com uma clientela em situação de risco e prima pela sociabilização dos sujeitos.

Na França no final da Segunda Guerra Mundial, foram criadas quatro áreas de intervenção de educadores para solucionar as necessidades sociais: animação sócio-cultural, inadaptação, educação de adultos e formação na empresa.

Na Itália, a Pedagogia Social é muito cultivada pelos meios de comunicação e extra-classe, ou seja, está mais próxima de uma educação informal, que da não-formal. As principais formas Italianas de entender a Pedagogia Social são:

- Ciência Pedagógica da inadaptação social;
- Ciência Pedagógica que luta por uma escola europeísta;
- Ciência Pedagógica que investiga e estuda a Educação para a Paz, tema de seminários e jornadas;
- Ciência Pedagógica da Educação Cívica e Política;
- Ciência Pedagógica sobre a ação educativa nos serviços sociais;
- Ciência Pedagógica da marginalidade social;
- Ciência Pedagógica dos meios de comunicação social.

A tendência mais dominante é a da sociedade educante, que mescla Pedagogia e Sociologia, integrando agentes como, família, escola e extra-escolar.

Na Espanha, o modelo mais aceito é o modelo de animação sociocultural. Academicamente a Pedagogia Social teve início em 1944, ano em que foi incluída no plano de estudos da Universidade de Madri. Em âmbito de aplicação, reduzem-se a: animação sócio-cultural, educação de adultos; pedagogia laboral e educação especializada. Hoje, já ampliando este conceito para a abrangência de ação e o trabalho junto a crianças, adulto e terceira idade.

No Brasil, este tipo de prática apresenta-se como nova para a área da educação que não domina seus princípios e fundamentos. Não há entendimento claro do que se faz na Educação social, quem são as pessoas que trabalham com ela, os destinatários e para que esta contribua socialmente. Enfim, há um mundo de interrogações que reflete na prática e confunde inclusive quem trabalha diretamente com esta educação. A Educadora Comprometida ao ser questionada sobre o que é Educação social responde: *“É uma educação*

não diferenciada, mas que tem um norte a mais que a educação comum. A forma que ela é, que orienta um educador a trabalhar com ela”.

Estes fatos auxiliam para que haja falta de reflexão sobre a função e falta de preparação para este tipo de trabalho. O pedagogo ou o professor não é formado academicamente para efetivar um trabalho em espaços não formais, ou até mesmo para desenvolver uma Educação social nos espaços formais. O que dizer então de pessoas que não possuem esta formação inicial em educação e atuam na função educativa? O Educador Lutador reflete: *Tem que ter curso e eu não fiz curso nesta área de Educação Social. Eu não me considero um Educador social... Eu sou mais um instrutor. Porque um Educador social é outra coisa.*

Segundo Cruz (2002 p.81), Demo (1996), Giroux (1997), Pimenta (1998, 2002), Marques (1996), entre outros, atribuem à Pedagogia, em sua categoria de ciência da prática, pelo menos duas responsabilidades: a primeira, a leitura da realidade da situação educacional como linha reguladora para ação educativa; a segunda, a definição do sentido, em que a práxis emancipatória cunha o fazer da educação. As responsabilidades da Pedagogia materializam-se na pessoa, pois sempre é ela quem vai assumir as tarefas, tanto na condução da teoria, como na sujeição das práticas e é nela que está à chance de se humanizar. Por estas razões, a Pedagogia deve ser a Ciência responsável pela formação de educadores e de educadoras, quer para atuar em espaços formais, que para espaços não-formais.

A terminologia Educação Social, pouco utilizada nas bibliografias brasileiras e nos meios acadêmicos, revela a reflexão carente sobre esta “modalidade educativa”. Os espaços que trabalham com a Educação Social são em sua maioria, Instituições religiosas, ONGS, Centros comunitários, que visam promover cultura, lazer e capacitação profissional para a infância e juventude e, subliminarmente educam para a formação de um tipo de cidadão, porém não tem clareza de que cidadão é este.

A filantropia e os programas sociais estatais, criados para reduzir a carência na qualidade social e educacional da infância e juventude, fizeram com que ao longo dos anos Pós-República, diversas instituições sociais desejassem oferecer educação não-formal a esta parte da sociedade que sofre diretamente as conseqüências do sistema social brasileiro. Foram anos de trabalho não-formal, voltado à catequização, seja religiosa, seja estatal, sem buscar referenciais pedagógicos que sustentassem e direcionassem esta prática, para a libertação. Conforme o Educador Comprometido, *“A Educação social aqui engloba tudo, eles como cidadãos e também a questão da evangelização”.*

Com o advento da Educação Popular na década de 80, iniciou-se um movimento que ligou, mesmo que suavemente, estes espaços a uma concepção de coletividade e transformação social. A Teologia da Libertação², maior promotora destes espaços no Brasil, iniciou movimento de estudos e idéias que tornou estes espaços mais voltados a perceber os educandos como sujeitos de direitos e agentes de transformação. A Educadora Ouvidora reforça “*Mostrar para eles que eles são cidadãos, são valorizados, que precisam se ver como cidadãos, precisam se respeitar, que eles podem e conseguem, basta quererem*”. O que não os torna, espaços de Educação Popular. Ainda assim, acredito que muito dos paradigmas da Educação Popular são usados no Brasil quando se fala em Educação social, mas é importante considerar que a origem e as concepções epistemológicas diferenciam-se.

O objeto da Pedagogia Social, a Educação social, mistura-se com Educação Popular e isto aparece especialmente, no discurso das Instituições e dos educadores. “*Estudei Paulo Freire... Também somos Educadores sociais*” (Educadora Orientadora).

A falta de clareza gera confusões e equívocos. Um deles está na forte tendência em tornar estes espaços, locais de cursos gratuitos. Este fato, além de reduzir a proposta da Educação social, enfatiza a tendência da educação tecnicista na prática da Educação social, contribuindo para a reprodução do sistema sócio cultural vigente, apenas preparando a juventude para o mercado de trabalho. O fato reduz estes espaços, que poderiam ser cada vez mais educativos, a locais pouco fomentadores de ampliação de consciência, reflexão e especialmente emancipação. “*O trabalho de educação social, tu pega muito o problema da sociedade. Gurizada que vem de ambiente agressivo, que não tem muita disciplina. O objetivo prático seria a questão do trabalho a postura que eles têm que tomar*” (Educador Tecnicista).

Por outro lado, é possível perceber que a Educação não-formal vem se expandindo consideravelmente no Brasil e América Latina, durante as últimas décadas. Surgiu como um movimento inovador de educação, capaz de produzir uma ampliação das possibilidades educativas e propor uma proliferação de experiências que tendem a uma maior democratização educacional. Pode até ser comparada e “explorada” como o “não-lugar”, o espaço em que se pode aprender sem engessamento, mas com perspicácia, pois, por exemplo, as noções espaço-temporais, são outras.

²BOFF, Leonardo & Boff, Clodovis.1980; BOFF, Leonardo & Regidor, José Ramos.1996.

O lugar do “devir”, da construção, do novo, do que ainda não foi explorado, não foi visto e nem criado, pois diz respeito a cada um e a todos, enquanto espaço de singularidade cultural e social e coletividade, comunidade. (HERNANDEZ, 2000)

Cabanas (1994) trata de Pedagogia social como uma teoria de ação educativa para os problemas humano-sociais, uma educação para a cidadania, onde a intervenção está voltada para problemas públicos que afetam a sociedade contemporânea: menores abandonados, delinqüência juvenil, terceira idade desvalida, grupos marginalizados, educação permanente e animação cultural. E acrescenta: “El atender a esas cuestiones constituye una espécie de ingeniería de promoción social que, em cuanto se hace com critério educativo, es um asunto pedagógico que, em su formulación teórica, da lugar a uma disciplina especial ilamada Pedagogia social”.

Para Gohn (1999), a educação não-formal pode ser desdobrada em quatro dimensões que correspondem a pelo menos seis áreas. A primeira refere-se à aprendizagem política dos direitos humanos, movimento este que gera a conscientização dos sujeitos na direção da compreensão crítica da tríade: indivíduo, contexto social e natureza de forma participativa. A segunda, diz respeito ao desenvolvimento das pessoas para o trabalho. A terceira remete à aprendizagem e às práticas que possibilitem os sujeitos a viverem coletivamente. Isto quer dizer que, a partir dos objetivos comuns, voltadas para a solução de problemas do cotidiano do grupo social a que pertencem. A quarta dimensão, tão importante quanto às demais, é a da aprendizagem dos saberes da educação formal, da escola, em lugares diferenciados. A aprendizagem em espaços não-formais é mais espontânea e o grupo social responsável por este processo tem autonomia na definição dos saberes, como também, tem poder na definição dos fins designados àquelas práticas. A quinta, dedica-se à parte da educação desenvolvida e veiculada pela mídia. A sexta, tem a ver com o compromisso da educação para com a vida.

Como foi apresentado, há uma grande variedade de significados e utilizações da Educação social ao redor do mundo, respeitando as realidades locais suas necessidades e concepções. De forma geral, podemos conceituar a Pedagogia Social como uma Ciência Pedagógica que busca satisfazer as necessidades básicas, amparadas pelos direitos humanos, vincula-se expressamente com o Serviço Social no Estado de bem-estar, buscando garantir os cuidados, sendo cobertas as necessidades básicas. Seu objeto de estudo está na Educação social que prima pela prevenção, a ajuda e a reinserção ou ressocialização, sem perder a perspectiva de reflexão sobre a realidade social e de transformação.

4.2.1.3 Educação Social ou Educação Popular: amarras possíveis

É relevante salientar as aproximações e as diferenças fundamentais entre a Educação Social e a Educação Popular, pois há importantes características e fundamentos de essência que implicam diretamente na ação pedagógica de nossos atores da pesquisa.

Para Brandão (1995), a educação atravessou todo o período da colonização Européia na América Latina, fundamentados no paradigma eclesiástico, isto é, sob monopólio da Igreja. Este combinava a atividade catequética com a escolarização de crianças e adolescentes e seguia dois modelos de educação: o primeiro, lidava com a educação de índios e negros escravos e o segundo, voltado para a formação escolar das futuras elites conservadoras na sociedade colonial, tinha o objetivo de formar lideranças e agentes de mudanças. A fala da Educadora Perfeccionista legitima esta diferença educativa, que aponta a educação de liderança e comando para quem tem condições sócio-econômicas e a qualificação para o mercado de trabalho e sub-empregabilidade aos que pertencem às camadas mais populares, quando diz: *“O próprio nome diz social. Para pessoas carentes. Vendo como assistência social, para pessoas que não tem muitas condições de pagar um curso, Faculdade. Por isto existe esta parte social”*.

No período Republicano, emergiu, em diversos países, campanhas de democratização da educação e, na América Latina, a idéia de Educação Popular. Esta com o sentido inicial de desconectar a ligação da educação à Igreja e ligá-la ao Estado, tornando-a laica e meio de democratização social, universalizando o acesso ao trabalho profissional qualificado.

Neste período, a Educação Popular inicia seu pensar a partir da Educação Comunitária, que seria a educação estendida às comunidades populares, e preocupa-se com os indivíduos analfabetos que chegaram à juventude e adultez. Surge, então, com força, a Educação de Jovens e Adultos, o método inovador teorizado por Paulo Freire, que propõe uma alfabetização voltada para conscientização. O educador que trabalha com trabalhadores, buscando alfabetizar através do significado, transcendendo o preceito de educar pela repetição. Este método propõe a utilização de palavra com significado para aquela comunidade, de modo a auxiliar homens e mulheres a tornarem-se pessoas críticas, emitindo juízo sobre suas descobertas lingüísticas. Junto à alfabetização, o educador sugere crítica à chamada “educação bancária”, aquela voltada para o depósito de informações e conhecimentos dos “dominantes” aos “dominados”, constituindo-se, assim, a classe dos que

sabem e daqueles que não sabem e precisam saber. Neste caso os sujeitos de classe social menos favorecida.

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão - absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 1986, p. 58).

O método Paulo Freire e suas concepções de educar-se mediatizado pelo mundo se espalha pela América Latina, ganhando força na mobilização de movimentos populares e sociais, criando uma realidade de resistência à educação tradicional. Ele afirmou: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (1987, p. 68).

Segundo Brandão (1987 p. 30) “O trabalho pedagógico é popular quando busca o estabelecimento de relações afetivas ou pelo menos idealizadas com as camadas populares e quando, a partir daí, torna-se real ou pelo menos intencionalmente contestador de uma ordem vigente”.

Cabe aqui a demonstração do paralelo trazido por BRANDÃO (1995, p. 29), que demarca a diferenciação entre educação, educação participante e educação popular.

Este paralelo é aqui apresentado parcialmente, pois retirei a educação participante uma vez que o interesse é estabelecer a diferenciação entre educação na concepção tradicional e educação popular.

Quadro 1 – Educação X Educação Popular

Educação	Educação popular
1. Integração do sujeito popular no sistema sócio-político vigente.	1. Participação na formação e apoio ao fortalecimento de movimentos populares.
2. Para a participação, através do trabalho produtivo e da passividade política de tipo consumista, em uma ordem mista, em uma ordem social a ser “modernizada”, sem vir a ser transformada.	2. Para a condução política de processos de transformação social através da produção e do fortalecimento do poder de classe das classes populares.
3. Capacitação da mão-de-obra. Formação do cidadão ajustado. Organização da comunidade (modelos predeterminados). Benefícios sociais setoriais: saúde, alimentação, educação etc.	3. Conscientização, politização. Formação política das classes populares. Participação de movimentos populares. Benefícios sociais setoriais.

Fonte: O autor, 2006.

A Educação Popular, segundo Brandão (1995), é marcada como uma *presença*³ que além de criticar a educação tradicional, “bancária”⁴, “invade” o território educacional com outros profissionais que não os educadores de carreira.

Já a Educação Social, como *referência científica da Pedagogia Social*⁵, surge em outro contexto sócio, histórico e político, conforme já descrito, há mais de 400 anos. Inicialmente, o objetivo teve o intuito de adequação dos filhos de classe operária à qualidade educacional da burguesia e, ao longo dos tempos, vem subdividindo-se em diversas outras funções. Estes dizem respeito aos aspectos de reinserção sócio-educativos e prevenção, diferenciando-se bastante da origem e dos paradigmas fundamentais da Educação Popular. Já que na Educação Social, de acordo com a leitura realizada e necessidade local, pode ter um cunho de prática pedagógica direcionada, inclusive, ao lazer. Apesar disso, no Brasil, está voltada, como a Educação Popular, para a população em situação de exclusão e risco social.

³ Termo utilizado por Brandão (1995, p. 31)

⁴ Termo utilizado por Freire (1987, p. 62)

⁵ Caride (2005 p.37)

Porém, enquanto a Educação Popular tem em sua essência o compromisso de refletir junto ao sujeito sobre a condição de oprimido, a Educação Social, em essência, busca a readequação do indivíduo ao meio social vigente.

Segundo Ortega (1999, p.22): “La acción más interventora, más activa, de la educación social, que parte de finalidades éticas y convivenciales, “con el propósito de llevar, guiar, orientar, conducir o incluso reconducir”.

A Instituição social pesquisada ocupa-se em educar para transformar, mas ainda calca suas práticas em uma educação de qualificação humana e cristã para a sociedade vigente, oferecendo espaços de crescimento educativos e interpessoais para emergir de sua condição de “oprimido”⁶ mais individualmente que coletivamente.

O educador qualificação confirma a presente constatação através de sua resposta quanto ao que é ser um Educador social: “Seria pegar o jovem e educar ele para ser um cidadão. Educar para viver em sociedade. Disciplinar conforme as regras que a sociedade impõe”.

Além de todos os fatores apresentados, considero importante compreender um pouco da realidade dos educadores, sujeitos de pesquisa, enquanto pertencentes a um contexto institucional, pois certamente este age de forma transversal em suas concepções e práticas e permite a melhor compreensão de suas ações de Educadores sociais.

⁶ Termo utilizado pelo educador Paulo Freire.

4.2.2 Educadores Sociais Salesianos e o seu jardim

4.2.2.1 Salesianos de Dom Bosco: Contexto Histórico

São João Bosco, o Dom Bosco, foi o fundador da Congregação dos Salesianos de Dom Bosco.

A vida de Dom Bosco transcorre entre 16 de agosto de 1815 e 31 de janeiro de 1888. Filho mais jovem de uma família pobre de Becchi, Município de Castelnuovo Asti, Itália, seu pai, casado pela segunda vez com Maria Margarida, faleceu em 1817. Morava em Castelnuovo com sua mãe e seus dois irmãos. Ordenou-se sacerdote em 1841 em Turim. Ao que tudo indicava seria mais um padre de formação e vida típica como a de seus colegas consagrados da época, mas, enquanto homem de olhar visionário, desbravador, desafiou o seu tempo e seguiu as tendências sócio-políticas, voltando-se para o trabalho de prevenção junto aos jovens de Turim. O contexto da época é focalizado por Braido que escreveu:

Mais do que no campo político, a idéia preventiva, antecipada em alguns setores nos séculos XVII e XVIII, se afirma com novo vigor no campo social, sobretudo na Espanha, na França e na Inglaterra, com particular interesse no amplo fenômeno do pauperismo e da mendicância, da criminalidade, da assistência à infância, da educação. Nesse setor encontram lugar especialmente os meninos abandonados e fugitivos, vítimas da vagabundagem e da mendicância (2004, p. 33).

Esse autor (p.119) ao referir-se a Dom Bosco revela que a sua biografia pode ser vista em três períodos: “Preparação (1815-1844), definição dos traços fundamentais de sua ação educativa (1844-1869) e consolidação organizativa e “teórica” das suas instituições (1870-1888)”.

O nascimento de Dom Bosco deu-se no período da Revolução Francesa, marcando a transformação do *ancien régime* para a idade contemporânea. Permeado pela Revolução Francesa e do Império Napoleônico (1789-1814), porém Dom Bosco inicia sua atuação social em Turim Pós Revolução Industrial que trouxe para a Itália fortes transformações de cunho político, religioso, econômico e cultural.

Ocorre grande explosão emigratória pela Europa, em função da busca de trabalho e ascensão econômica, já que o advento da indústria trouxe promessas de grandes oportunidades de emprego à população.

Especialmente em Turim, cidade onde Dom Bosco deu início a seus Oratórios, local onde, aos domingos, reunia mais de 400 jovens pobres e necessitados da comunidade para ensinar a ler e escrever, alimentarem-se, participar de jogos e brincadeiras, o índice populacional aumentou de 65 mil habitantes em 1808 para 320 mil em 1891. O motivo também se deu pela industrialização, pois, mesmo vivendo uma estrutura agrícola e artesanal, as fábricas de tecidos, artesanato, moinhos, alimentos, armas, fumo, carruagens, carroças e construção civil, além do aumento da burocracia, das comunicações, atraiu muitos trabalhadores rurais para a cidade, inclusive os jovens adolescentes. “O crescente fenômeno da migração interna repercutiu explicitamente no primeiro apostolado oratoriano de Dom Bosco, e, em escala mais vasta, motivou a abertura de várias Obras na Itália e na França, depois de 1870” (BRAIDO, 2004, p. 25).

A pobreza e a ignorância, especialmente nas classes populares, tomaram medidas insustentáveis. O advento da industrialização trouxe consigo diversas ideologias contestadoras ao sistema social vigente e iniciou um processo de poder do público em detrimento do privado. Crítica aos Padres e à Igreja, fazendo, inclusive, com que Dom Bosco tivesse dificuldade para implementar seu projeto educativo.

Braido (2004) descreve sobre a realidade econômica, social e política, suas dificuldades e relação com as liberdades:

Junto com a crescente complicação da vida econômica, social e política e com o embora lento ampliar-se das liberdades, cresce um mais evidente pluralismo das concepções de mundo, das ideologias políticas, dos conceitos morais e religiosos. Emergem grandes orientações de idéias e de ação, divergentes na concepção e na organização, tanto dos destinos individuais quanto das formas de vida associada (p. 13).

Uma das formas de minimizar tais movimentos foi o investimento na Prevenção. Então, o “princípio preventivo” espalhou-se nos diversos setores sociais: na política, cultura, economia e educação. Com isso, um aspecto positivo foi o redesenhar do mapa político europeu com o que havia de positivo nas idéias trazidas pelos novos tempos, mas, em contrapartida, houve um aumento na repressão e coibição dos movimentos revolucionários, aumento da inspeção, pelo medo da subversão. Houve uma retomada dos fatores de controle que foi enfatizado tradicionalmente, princípios religiosos e morais; a observância as leis em prol do “bem-estar” comum e da “felicidade” dos povos, sempre cuidados, segundo BRAIDO: “*Por uma administração estatal justa e sólida, garantida por um centro forte.*” (2004, p. 29):

Neste caso, o “Preventivo”, apresentava-se envolto de um cunho apaziguador de uma realidade social em descontrole. Surgiu como arma manipuladora dos menos favorecidos economicamente, servindo como máquina ideológica de manutenção do sistema social que pretendia restabelecer. Já que ali seria ensinado aos pobrezinhos como portar-se, servindo a esta nova realidade.

A prevenção ganhou um cunho espacial, ao ponto que foram criadas diversas instituições - asilos, orfanatos, casas de detenção e outros - para ensinar, prevenindo crianças e jovens, “fadados ao fracasso”. Os ensinamentos, dentre outros voltados à alfabetização e ao catolicismo, eram de como deveriam portar-se, aprendendo um ofício e as boas normas de convivência social. As crianças e jovens eram considerados dignos de trabalho preventivo, porque já apresentavam em seu histórico familiar índices de “imoralidade” ou de “males”, trazidos, normalmente, pela pobreza, que ocasionava propensão a serem ignorantes e viciados (BRAIDO, 2004, p. 40). Assim, somente quando “medicados” seriam: “um tesouro inestimado para a Igreja Católica e para o Estado”.

Dom Bosco revelou-se um grande educador de sua época trazendo sua grande proposta de incentivo e valorização à criança e ao jovem, mostrando-se ao longo da história, homem defensor, interessado nas questões da juventude.

Sua ação educativa estrutura-se a partir de três preocupações:

- a atividade assistencial e benéfica voltada para as necessidades elementares do alimento, da roupa, da moradia e do trabalho;
- o cuidado pastoral da “salvação da alma”, do “viver e morrer na graça” com as intervenções específicas que ele exige;
- a animação espiritual das comunidades educativas e religiosas por ele fundadas, para dar suporte à várias obras em favor dos jovens.

As preocupações citadas trazem a clara presença da religião no trabalho educativo proposto por Dom Bosco, o que hoje é forte essência no trabalho Salesiano de Educação Social.

Esta essência é clara e bastante difundida entre os educadores, que compreendem bem a Educação Salesiana e a praticam nos Cursos e Oficinas. As falas dos educadores revelam este forte traço religioso de fazer Educação Social. O Educador Amor diz: “*A prática do Sistema Preventivo de Dom Bosco, baseado na Razão, Religião e no Amor, é a grande ferramenta do nosso trabalho*”.

É importante conhecermos os fundamentos desta Educação Salesiana, que fundamenta o trabalho do Novo Lar.

4.2.2.2 Educação Salesiana. A tríplice: Amor/Razão/Religião

São João Bosco estrutura todo o Sistema preventivo e a Educação Salesiana sob o tripé AMOR, RAZÃO E RELIGIÃO. Esses três elementos encontram-se nas práticas educativas entrelaçadas e permeando os objetivos e os conteúdos. Acreditam que estes contribuem para a formação integral, desenvolvendo no jovem aspectos físicos, psíquicos, intelectuais, morais sociais, afetivos e religiosos.

Analisando a proposta de Educação Salesiana e buscando o centro do Sistema Preventivo, poder-se-ia dizer que seria a religião. Braido diz: “A religião é indiscutivelmente o primeiro princípio e a alma do sistema, entendido como complexo de fins, conteúdos, meios e métodos” (2004 p. 268).

O melhor método, poder-se-ia dizer que seria a *Amorevolezza*, palavra de origem Italiana que não tem tradução para o português, mas pode ser colocado como: “É ‘amor demonstrado’, por isso afetivo e efetivo, confirmado pelos fatos, perceptível e ‘percebido’” (*id.*, p. 269). E complementando: “É o traço mediante o qual se manifesta a própria simpatia, o próprio afeto, a compreensão e compaixão, a co-participação na vida dos outros”. Segundo SCARAMUSSA (1984p. 109), recorrendo as teorias de Maslow, C.Rogers, C.G Jung e Freud, há quatro aspectos relevantes do afeto como amostra das contribuições possíveis da Psicologia para o aprofundamento, a compreensão e avaliação da *Amorevolezza* de Dom Bosco: o primeiro aspecto, é o amor desinteressado, que demanda mostrar o apreço pelo outro, demonstrar a importância do outro, sua capacidade e encorajá-lo para a realização, o amor autêntico pelo outro é decisivo para o crescimento e desenvolvimento da pessoa, para a auto-aceitação e autoconceito positivo, o que é amado torna-se capaz de amar; o segundo aspecto, diz respeito ao estilo educativo da compreensão e aceitação incondicional como facilitador do desenvolvimento de pessoas criativas e felizes, nunca negar o afeto, procurar compreender os diferentes pontos de vista, estabelecendo uma relação democrática;o terceiro aspecto, analisa o processo psíquico da identificação do educando com o adulto significativo para ele, um processo inconsciente que se opera enquanto as atitudes do educador em relação ao educando;o quarto aspecto, diz respeito às questões conscientes e inconscientes envolvidas na relação educador e educando, as transferências e contratransferências, que precisam ser analisadas e consideradas nesta relação.

A *amorevolezza* permeia as práticas educativas das Instituições Salesianas, especialmente a estudada, no entanto, é sempre importante refletir quanto aos preceitos iniciais da palavra, fazendo uma análise a partir da realidade atual. Assim, acredito ser importante trazer o conceito de razão de Dom Bosco, como dimensão de *Amorevolezza*, pois, este se correlaciona estreitamente com a exigência de autonomia, autenticidade e responsabilidade da juventude atual Scaramussa (1984 p.111). A “razão” nessa perspectiva implica em: uma educação para a criticidade como dimensão da racionalidade e como atitude constante de julgamento e de avaliação dos fatos vividos na situação concreta da vida do educando, no seu ambiente, na sociedade geral; a preocupação de auxiliar o educando a formar sua própria cultura, a “criar cultura”, por reflexão, não por inerte conformismo ambiental, abdicando da própria responsabilidade; a autenticidade do relacionamento interpessoal entre educadores e educandos, na relação dialógica que eles mantêm, na autonomia, na liberdade e na responsabilidade pessoal, na espontaneidade, simplicidade, e no sentido democrático da vida em grupo (id.,p113). É importante realizar a leitura dos conceitos observando um contexto temporal, social e histórico, só assim, os preceitos de Dom Bosco e da Salesianidade, servirão efetivamente como resposta para a “libertação” do jovem atual.

Figura 16 – Novo Lar de Menores



Fonte: Novo Lar de Menores – Viamão/RS

5.2.2.3 O Novo Lar de Menores

Localizado na RS 040, parada 40 do Município de Viamão está uma placa que indica o Novo Lar. Descendo uma estrada de chão batido, está uma grande Instituição, não apenas pelo tamanho de sua construção física, mas especialmente pelo trabalho grandioso que realiza naquela comunidade.

O Novo Lar é um nome fantasia, registrado juridicamente como Associação de Recuperação do Menor. Nome fruto de uma época carregada de inferiorização da criança, adolescente e jovem⁷ como menor aquele que não é maior, logo não é. Além disto, ênfase na recuperação, também em função do primeiro objetivo desta Instituição que era prisional para meninos em cumprimento de pena por infração e delitos. Conhecido pela comunidade como Novo Lar – minha preferência – o que, implicitamente, lê-se como LAR: aconchego, acolhida, conforto, segurança e NOVO: demonstração de novidade, surpresa, inédito, descoberta, alegria, começo ou recomeço.

Fundado em 1957 pelo Arcebispo de Porto Alegre, na época, o Padre Dom Vicente Scherer, para abrigar seis internos encaminhados pelo juizado de menores da capital gaúcha, foi assumido pelos Salesianos em 1963, a convite do próprio Arcebispo. Até 1980, funcionava somente o internato, a partir deste ano foi aberto o semi-internato, extinto em 1986, quando os Salesianos começaram a atuar, aplicando o Sistema Preventivo de Dom Bosco, que enfatiza a tríade Amor, Razão e Religião.

Primando pelo auxílio e apoio aos menos favorecidos, o Novo Lar escolheu trabalhar com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social por apresentarem as seguintes características:

- Estarem em desajuste idade/série;
- Serem multirepetentes;
- Histórico escolar de problemas de conduta;
- Apresentarem dificuldades sócio-econômicas.

Mediante as características elencadas, é possível perceber que o público alvo do trabalho Salesiano são aquelas crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social,

⁷ Infância e adolescência - Segundo a legislação brasileira, são consideradas crianças as pessoas com até 12 anos incompletos e adolescentes as pessoas entre 12 e 18 anos incompletos .(site: Fundação Abrinq)

excluídos das demais instituições sociais, especialmente da Escola. Este fator pode ser comprovado através da análise de muitos históricos escolares dos alunos que colecionam expulsões de outras escolas em função de mau comportamento e faz com que, para estas crianças e jovens⁸, o Novo Lar seja um espaço de “salvação”, “libertação”, um lugar diferente e por vezes até incomum, pois aceita estas pessoas como sujeitos. A Educadora Solidária referenda: *“O Educador social precisa fazer pelos alunos, buscar os problemas, se tem alguém com problemas tu vai lá e tu conversa. Quando a gente olha para o aluno sabe se está bem ou não e vai lá, busca, saber o porquê, se é na família e na escola e conversa”*.

A Instituição organiza-se, conforme os Planos da Instituição, com três frentes de atuação: Escola regular de 1ª à 5ª série, que funciona no turno da manhã e atende cerca de 100 alunos; Cursos e Oficinas denominadas pela instituição como semi-profissionalizantes, por não cumprir o número de horas mínimo para adequar-se a Legislação Educacional (LDBEN 9.394/96) que define como profissionalizantes os cursos que perfazem 800h, esta atende cerca de 300 alunos com idade entre 10 e 23 anos e Casa de formação, onde estudantes de Filosofia, do Aspirantado, preparam-se para serem Padres ou Irmãos Salesianos, e trabalham nos cursos e oficinas assessorando os educadores, especialmente, motivando os Momentos Bíblicos.

O Novo Lar é um espaço de acolhida, de olhar e consideração das questões humanas existentes em cada criança e jovem e especialmente as potencialidades destes para que transformem-se, a cada dia, em pessoas melhores.

Esta é uma marca forte, o que fica claro na fala da educadora Ouvidora: *“Mostrar para eles que eles são cidadãos, são valorizados, que precisam se ver como cidadãos, precisam se respeitar, que eles podem e conseguem, basta quererem”*.

É possível depreender que os jovens permanecem ali sem nenhum controle impositivo externo, mas porque se sentem vistos, estimulados. Importante considerar que as grades ao redor da Instituição foram colocadas somente há cerca de dois anos, em função de segurança externa e não pelo desejo dos jovens de sair das atividades sem aviso. Acredito que os jovens percebem que ali estão pessoas que acreditam no seu potencial de desenvolvimento. Por outro lado o espaço às vezes pode parecer “protegido” e “irreal” para estes jovens, que não presenciam em outros lugares o jeito de ser Salesiano, calcado na dialogicidade e no respeito. Podendo formar-se, então, um mundo paralelo, onde eles aceitam as regras de educação e religião e a Instituição os aceita, enquanto jovens excluídos e marginalizados. Eis o grande desafio, fazer com que mantenham esta reflexão e conduta também em outros

⁸ Termo utilizado para abranger além de adolescentes, pessoas de 18 anos a 23 anos, atendidos na Instituição. Aqui utiliza-se o conceito de juventude do Aurélio: 1. idade moça; mocidade, juvenildade.

espaços sociais e mais, que sejam protagonistas em suas comunidades locais. A Educadora Ouvidora coloca: *“Mostro que por mais que o Novo Lar seja diferente, eles também precisam enfrentar as diferenças do Novo Lar e do mundo lá fora. Porque aqui tem tudo, lanche, passagem. O que costumam fazer aqui de bom, façam lá fora também”*.

A Instituição Novo Lar certamente promove um grande serviço humano para a comunidade local e está constantemente em busca de qualidade no seu fazer educativo para promover, cada vez mais, jovens cientes de sua condição humana, responsáveis por sua condição social. Sem dúvida, há muitos aspectos que precisam ser refletidos, visto que os nortes paradigmáticos sociais e consequentemente educacionais transformam-se constantemente. É necessário o aprofundamento constante para a ressignificação da proposta educativa Salesiana, a fim de responder aos anseios Pós-Modernos, sem com isso, render-se aos chavões de mercados ou midiáticos, mas repensando nos valores que precisam ser resgatados nesta sociedade desafiadora. Fazer uma leitura de Promoção no século XXI, adequando a palavra há este tempo. A Instituição precisa manter-se, por ser grande baluarte para a sociedade de Viamão e precisa manter-se para trazer para o centro cada vez mais os atores do processo: jovens, famílias, educadores. Conforme sonha para a Instituição a Educadora Pastora: *“O Novo lar ser um lugar de referência, em todos os sentidos, na formação humana, profissional, cursos, mas preparar o aluno para a vida”*. Formar para a transformação e pela busca de igualdade e fraternidade é transcender da estrutura piramidal de organização social e promover a organização horizontal, calcada na partilha e na coletividade.



Fonte: Novo Lar de Menores – Viamão/RS

4.2.3 Ser Educador Social

4.2.3.1 Identidade

No decorrer da pesquisa, percebi uma grande incerteza quanto a ser Educador social. Na verdade esta terminologia não parece muito familiar aos educadores, que se sentem inseguros ao responder quando questionados quanto ao que é ser um Educador social. Este fato me faz depreender que não estão familiarizados com esta nova linguagem; não tem clareza do que é um Educador social ou ainda, que não se consideram Educadores sociais. O Educador Lutador revela claramente este sentimento quando diz: *“Eu não me considero um Educador social... Eu sou mais um instrutor. Porque um educador social é uma coisa mais difícil...”*.

Os educadores não estão familiarizados com este termo, não compreendem claramente o que esta terminologia define, não se sustentando como tal. Com isso, não quero afirmar que os educadores não saibam qual o seu ofício. Apresentam clareza ao declarar o que fazem, como fazem e para que o fazem, mas há falta de uma formação acadêmica qualificada ou de uma identidade de grupo. Não apresentam uma sistematização de suas práticas e, conseqüentemente, aprofundamento teórico para embasar o fazer pedagógico. A Educadora Trabalhadora sustenta esta argumentação quando trata da falta de fundamentação teórica nas práticas: *“Temos bastante prática, mas falta teoria. Não sei se os educadores têm entendimento da formação social para o educando. Vejo preocupação com o bem estar do educando, mas não tendo idéia teórica de uma formação social”*.

O Educador Paulo Freire (1987, p.38), em seus estudos, que fundamentaram a Pedagogia da Libertação, era enfático com sua concepção: *“A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido”*.

A maioria dos educadores e coordenadores entrevistados colocam que não pensavam em ser educadores, que iniciaram suas práticas educativas como educadores sem saber bem como deveriam desenvolver este ofício, como atuar, o que dizer como fazer. O Educador Perseverante revela:

“Nunca tinha dado aula na minha vida, nunca tinha trabalhado como educador. De repente caí aqui”. E a Educadora Solidária também afirma: *“Nunca trabalhei como educadora. Assim que cheguei me assustei. Parecia uma mosca tonta, tudo era novo, nunca tinha trabalhado assim. Largaram-me dentro de uma sala e eu pensei... Meu Deus, por onde vou começar...”*.

Receberam algumas orientações das coordenações e iniciaram o desafio de ser educadores, o desafio de ensinar e, através da prática cotidiana e os desafios apresentados, aprenderam a fazer, a serem educadores, aprenderam “fazendo e sendo” aprenderam na partilha de experiências e idéias.

O apoio vinha dos colegas e da coordenação e a fundamentação para a prática educativa dos fundamentos Salesianos. Isso aparece fortemente nas falas dos educadores e em suas práticas, especialmente no que diz respeito à religião, já que todos os espaços da Instituição promovem a oração, reflexão e transcendência. O Educador Lutador coloca: *“Mas tem um grupo aqui, tem uma caminhada pedagógica e eu não conhecia Dom Bosco e o trabalho com os jovens. Depois de um ano e meio daí entendi...”*. Na mesma linha enfatizou o Educador Presença: *“Busco em Dom Bosco, o educador da juventude, leio os livros, como inspiração. O educador de Dom Bosco acredita no otimismo e na alegria, ele não desanima”*.

Cabe aqui me reportar à questão de identidade deste grupo de profissionais que parecem não reconhecerem-se como Educadores sociais...

Hall e Woodward (2000, p.17), afirmam que a identidade é relacional, isto é, encontrada quando comparada com aquilo que não é.

No caso destes educadores, poderia fazer a seguinte inferência: Será que por vezes eles não se questionariam: Não somos professores e não somos técnicos de produção. Quem somos?

Através da representação dos discursos observados nas entrevistas, pareceu-me que a maioria dos educadores coloca-se, inicialmente, como profissionais que procuraram o ofício de educadores por oportunidade, indicação ou necessidade, e não como uma opção primeira, ligada a um possível desejo em ser educador e trabalhar com Educação Social ou como fruto de um engajamento social comunitário. Assim, ocorre um processo de identificação com a Instituição enquanto estão desempenhando o papel de educadores e alguns dos educadores explicitam inclusive os desejos profissionais iniciais: *Quero enquanto estiver fazendo este trabalho, fazê-lo bem feito, mas depois, quero seguir minha vocação que é trabalhar com a ciência...*

Os Planos e Planejamentos da Congregação e da Instituição são construídos conjuntamente aliando as frentes de trabalho e produzindo reflexão coletiva. O Projeto Educativo Pastoral Salesiano(2006), o PEPS em sua Visão de Instituição: “*Ser referência no trabalho social com adolescentes e jovens, através da Formação salesiana voltada para o protagonismo e a cidadania*”. E o Plano Educativo Pastoral da Obra (2004) define que os educadores deverão ser:

- acolhedores, amigos, humanos, dedicados, participativos, compreensivos, sensíveis à realidade dos educandos, justos, respeitadores, criativos, educando para a inclusão;
- com proposta educativa que valorize, respeite e promova a vida de cada um e de todos;
- abertos ao novo, sempre em busca de atualização, abrindo e indicando caminhos;
- conscientes de nossa dignidade enquanto pessoas, profissionais e cidadãos;
- evangelizados e evangelizadores, educandos e educadores.

Isto quer dizer que há Diretrizes Institucionais, construídas coletivamente, que os legitimam e os dimensionam quanto a função e o campo de ação. Então o que os faz compreender o ofício desenvolvido de forma tão plural? Ao serem questionados quanto ao conceito de Educação Social, as respostas relatadas foram:

- educação comprometida com o social;
- educação para pessoas de baixa renda;
- educação para a vida;
- educação para adequar os comportamentos, socializar;
- educação que qualifica para o trabalho;
- educar para os valores humanos e para a cidadania;
- educação para os jovens;
- educação popular;
- educação diferente da educação comum;
- educação que visa o desenvolvimento integral;
- educação da prática;
- educação do olhar, do amor, do carinho, do respeito;
- educação da evangelização.

Talvez, para este grupo, a Educação social, esteja legitimada a partir de todas estas ações, mas é necessário um aprofundamento de conceitos, clareza do que se propõe a fazer, para não perder de vista o valor e a importância do trabalho.

Percebo grande envolvimento dos educadores com a Instituição, com a proposta da Obra e especialmente com os jovens, mas há necessidade de fortalecimento da identidade profissional, para que possam entender melhor seu ofício e ao mesmo tempo, pensem sobre suas práticas. Estas vivências devem ser construídas a partir do encontro e das reflexões sobre questões paradigmáticas da Instituição, enquanto proposta de transformação social.

Tratando-se de diálogo, identidade e consciência, poderia citar Paulo Freire (1987, p.16):

O diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes “admiram” um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem; nele põem-se e opõem-se. Vimos que, assim, a consciência se existência e busca perfazer-se[...]. O isolamento não personaliza porque não socializa. Intersubjetivando-se mais, mais densidade subjetiva ganha o sujeito.

Somente com o encontro e a dialogicidade, estes Educadores e o grupo como um todo estariam fortalecendo a identidade pessoal e grupal, comprometendo-se com a concepção de “libertação” na ação educativa. Para que se estabeleça um trabalho eficaz, no coletivo, é necessário que cada sujeito tenha clareza de sua identidade pessoal enquanto pertencente a este grupo e sujeito no processo. Assim, parece haver pouca consciência, inclusive, destes objetivos e da visão da Instituição, o que gera conseqüente desmotivação quanto as expectativas como Educadores sociais.

Ao analisar HALL (1999), percebe-se que na atualidade, que ele caracteriza como modernidade tardia, o indivíduo move-se de uma para outra identidade, de estudante, de educador, de filho. Para cada identidade tem que haver comportamentos diferentes e há ainda diferenças individuais e grupais que caracterizam certas identidades. No presente caso, os Educadores sociais precisariam ter clareza de seu papel, de suas funções para poderem se constituir conforme sua identidade de grupo.

4.2.3.2 *Formação do Educador Social*

ROMANS, PETRUS, TRILLA (2003 p, 140-144) tratando sobre formação, dizem que as últimas décadas do século XX foram cenário de diversas transformações sociais, políticas e econômicas que influenciaram diretamente na vida das pessoas, tanto nos aspectos familiares,

quanto profissionais e sociais. Assim geraram-se fatores que incidem na mudança social, podendo tanto serem elementos de promoção de progresso quanto de exclusão. Estes fatores são: o fenômeno do crescimento demográfico; as novas tecnologias na sociedade do conhecimento e da informação; mudanças no mundo profissional, aumento de exigências quanto a qualificação; a crise de modelos de vida e relações; a deterioração do meio ambiente; o direito universal à educação. Estes fatores fazem com que a formação dos indivíduos seja permanente, estabelecendo-se, neste mundo em transformação, onde as novas tecnologias afetam e incidem na sociedade que as desenvolveu, os conceitos de “aprender a aprender”, de aprender a inovar, de aprender a mudar.

No Brasil a formação do Educador social se dá através da prática, na prática efetiva e no trabalho educativo e pedagógico dos educadores. Há carência de uma formação específica do Educador social em nível de graduação, porém há alguns cursos em nível de pós-graduação que abordam a temática e poucos eventos destinados à discussão e estudo à cerca do tema. Quem trabalha com Educação Social geralmente não possui a Educação básica concluída, ou realizou uma formação em nível de graduação não voltada à docência, então mais um motivo para que a formação continuada no espaço da Instituição seja uma forte referência para a construção de uma identidade de grupo e deslocamento de uma Prática Ingênua (FREIRE, 1986) para a aplicação efetiva do Projeto Pedagógico da Instituição.

Para os entrevistados em relação à formação contínua, há unanimidade em reconhecer a importância e o valor que tem para o melhor desempenho na ação pedagógica, contudo há diferentes entendimentos quanto ao que vem a ser essa Formação:

- 1) Qualificação específica a partir da formação inicial;
- 2) Conclusão da Educação Básica;
- 3) Formação continuada no espaço de trabalho; a qualificação;

Os entrevistados demonstraram buscar a qualificação para seu trabalho, porém voltam os estudos para a área específica da formação inicial, tanto no que diz respeito à formação na educação básica, quanto na complementação de cursos que aprimorem suas técnicas de ensinar o ofício, por exemplo, de cabeleireira ou de costureira.

Os educadores reconhecem o investimento da Instituição, a parceria com o educador no custeio de cursos de qualificação. Há projetos de contribuição nos estudos de formação de nível superior, através do qual 75% do curso de dois educadores é custeado pela Instituição. .

Além disto, apresentando Projetos, os educadores podem ganhar 50% de custeio de cursos que desejem realizar.

Quanto à formação continuada no espaço de trabalho, são organizadas reuniões semanais na Instituição com todos os educadores e encontro bimestral com outras Obras Salesianas, para partilha de experiências e estudos; formação semestral com todos os educadores e funcionários, para vivência espiritual e estudo, além de encontro quinzenal com representantes das frentes de trabalho da Instituição (Escola, Cursos e Seminário), para efetivar combinações de ações conjuntas e reflexão de possibilidades para o desenvolvimento da Obra.

Tratando das Reuniões Pedagógicas semanais, ficou claro que houve um decréscimo na qualidade de estudo deste espaço garantido. O que antes, há cerca de dois anos, era espaço de estudo e reflexão, tornou-se momento para recados e combinações, o que é visto, pelos educadores, como uma perda de oportunidade de crescimento. A Educadora Orientadora coloca:

A parte da formação está falhando [...] Tem a reunião de sexta-feira, reunião pedagógica, mas agente nunca consegue fazer um estudo [...] Eu fui convidada para fazer uma palestra para os colegas, mas não deu tempo porque estamos sempre organizando alguma coisa da escola...

Torres (2001 p, 45) refere-se às reuniões pedagógicas como espaço criticado e desacreditado em muitas escolas, que gera distanciamento entre o desejado e o real. No entanto, considera que este pode ser um espaço possível para a reflexão dos professores, onde se debruçam sobre as questões que emergem da prática, refletindo sobre elas, buscando-lhes novas respostas e novos saberes, ao mesmo tempo.

Para que esta formação ganhe maior qualidade, os educadores sugerem:

- profissionais que trabalhem nesta linha e assessorem o grupo enquanto Inspetoria;
- profissional capacitado para acompanhar as ações educativas dos educadores;
- construção de materiais únicos, aos moldes salesianos, para uso nos cursos em toda a Inspetoria (subsídios);
- cursos na área da Educação social;
- participação em cursos específicos da área de cada educador;
- temáticas de estudo mais interessantes nas reuniões e encontros de educadores;
- trazer à Instituição, profissionais que capacitem os educadores;
- maior divulgação dos cursos existentes na área de Educação social.

As sugestões denotam uma necessidade de capacitação vinda de fora, ou de alguma pessoa que, na Instituição, consiga organizar a ação reflexiva do grupo que já é carente de formação inicial na área pedagógica e sente-se desassistido na questão de como devem fazer. Ao mesmo tempo em que é importante esta referência de um profissional qualificado na área pedagógica que respalde a capacitação destes educadores, há um certo esperar de alguma espécie de “salvação” para a realidade do grupo, fortalecendo a característica de heteronomia dos educadores. Assim, não se sentem “capazes” de refletir sobre suas ações e buscar, enquanto equipe, alternativas pedagógicas para qualificar suas práticas, gerenciando uma ação autônoma.

O Educador Perseverante enfatiza: *“Está faltando seminários, palestras... Não sei o meio, mas está faltando nas Obras ter pessoas qualificadas... Pessoas que trabalhem nesta linha, não só curso, mas façam uma assessoria”*.

Então, a busca pela qualificação conta com:

- Forte ajuda mútua dos educadores mais experientes para os menos experientes;
- Partilha de experiências com alguns colegas;
- Busca de informações na Internet;
- Leitura de livros e periódicos;
- Participação em cursos e eventos, quando possível.

Este tipo de ação apesar de louvável pela essência da busca de informação e conhecimento, é pouco, pois formar Educadores sociais, na realidade brasileira, é sinônimo de realizar uma formação inicial de educadores, nos espaços de atuação.

Então, é necessária, além das sugestões elencadas, uma formação continuada efetiva, em que seja possível estudar questões iniciais de educação, até temáticas mais complexas de identidade e objetivo de ação.

Coligar teoria e prática para a efetivação da práxis é condição imprescindível para um trabalho de qualidade, pois segundo Gramsci: “Todo indivíduo ativo tem uma prática, mas não tem uma clara consciência teórica desta prática que, no entanto, é um conhecimento do mundo, na medida em que transforma o mundo”.

Acredito que o referencial teórico dos educadores não é suficiente, pois eles, muitas vezes, estruturam suas ações educativas apenas na prática e apóiam-se uns nos outros, para sustentarem estas ações.

Segundo a Educadora Trabalhadora:

Todos os educadores convergem para o social, mas falta ainda buscar a parte teórica. Falta confrontar teoria com a prática. Porque temos bastante prática, mas falta teoria. Não sei se temos entendimento da formação social para o educando... Vejo preocupação com o bem estar do educando.

E de acordo com a Educadora Ouvidora: “*Além dos estudos do Novo Lar entre os educadores, que ainda estamos deixando a desejar. Eu não costumo buscar material teórico sobre o meu trabalho. Então realizo troca com os meus colegas*”.

Como é possível verificar, na percepção dos educadores, é necessário uma formação que fortaleça este grupo e os conduza para uma clareza de objetivos e autonomia na formação, e reflexão onde um com o outro partilhe, ajudando verdadeiramente o fazer pedagógico, convergindo para a promoção desta juventude que acolhem.

A formação ou educação continuada ressurgiu com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN - Lei 9.394/96), no intuito de constituir espaços de reflexão, locais próprios para que os saberes específicos das diversas áreas de conhecimento presentes nas Instituições possam convergir em práticas didático-pedagógicas capazes de motivar e fomentar o desenvolvimento dos atores sociais envolvidos no processo educativo. Isto é, há uma expectativa de um saber específico para certas áreas. Nesta particular, Perrenoud (2002, p.46) se expressa: “[...] uma postura e uma prática reflexiva que sejam à base de uma análise metódica, regular, instrumentalizada, serena e causadora de efeitos; essa disposição e essa competência, muitas vezes, só podem ser adquiridos por meio de um treinamento intensivo e deliberado”.

Em Romans et al (2003, p. 170) são descritas algumas habilidades conceituais que poderiam ser trabalhadas na formação continuada a partir da: “formação em conhecimentos; formação em habilidades técnicas; formação em habilidades de competência social; formação em atitudes e valores; formação para a revisão da prática habitual; formação para o autocuidado do educador”.

Analisando a formação de educadores que atuam em espaços não-formais, Cruz, (2002, p.78) diz: “A formação de educadores (as) para a escola exige, simultaneamente, um repensar na formação de educadores e educadoras para espaços não-formais. Porque, como já foi dito, são formações distintas, mas possuem várias aproximações”.

A Formação do Educador social requer deste agente educativo uma maior compreensão de mundo, como fala Freire (1997), passa pela problematização da realidade,

entre outros aspectos, exigindo articulação entre espaços de educação diversificados. E é aí, exatamente, na aproximação destes territórios aparentemente diferentes que se desenvolverá uma nova cultura educativa. A cultura dos conhecimentos reflexivos, tão essencial quanto o saber científico. O saber reflexivo diz respeito às condutas intencionais, desvelando as linguagens sociais manifestadas implícitas ou explicitamente. O que fomenta a iniciativa de trazer da prática os elementos necessários e úteis para análise e fundamentação teórica, não como processos estanques e segmentados, mas como complementares de forma dialética, para que este movimento redimensione o fazer pedagógico e o torne cada vez mais, resposta às necessidades da comunidade educativa e aos objetivos propostos.

Neste contexto, surge a necessidade deste olhar para as questões de ampliação de consciência dos atores sociais envolvidos, receptores e interacionistas nos processos sócio-educativos, pois as estratégias ditas, precisam ser dominadas e aplicadas de forma eficiente e eficaz.

Partindo deste princípio, fica evidente que há necessidade do Educador social ter um perfil adequado para desenvolver com qualidade sua função. Segundo Romans et al (2003) este deveria ser um profissional com: uma forte motivação e facilidade para o trabalho social, desejo de transformação, busca pelo novo, criatividade, capacidade de auto-gestão, o desejo de criar e aplicar projetos e de querer e buscar comunicar-se com os outros. Apresentar uma motivação maior para o trabalho, um forte querer e vislumbrar de um Projeto sócio-educativo novo, para estes jovens. É neste sentido que os participantes deste estudo se colocam:

Não tinha conhecimento nenhum. Aprendi buscando na Internet. Peguei cursos on-line sobre didática de aula e fui montando planos de aula... Criei brincadeiras com perguntas voltadas para a informática, jogos educativos... Hoje eu preciso de mais... Você está fazendo várias coisas e as coisas não fluem, as coisas se amarram porque as pessoas não têm a mesma idéia de você de pensar além (Educador Perseverante).

Petrus (2003, p. 206) sintetiza no seguinte decálogo as funções do Educador social:

1. função detectora e de análise dos problemas sociais e suas causas;
2. função de orientação e de relação institucional;
3. função relacionante e dialogante com os educandos;
4. função reeducativa em seu sentido mais amplo, mas nunca reeducativa clínica;
5. função organizativa e participativa da vida cotidiana e comunitária;
6. função de animação grupal comunitária;
7. função promotora de atividades socioculturais;
8. função formativa, informativa e orientadora;
9. função docente social;
10. função econômica/profissional.

Para que estas funções sejam desempenhadas com sucesso e o trabalho possa acontecer de forma leve e coerente, é muito relevante garantir, além de uma formação básica dos Educadores sociais (nos Países Europeus dadas em nível de Graduação), uma formação continuada, para que ocorra um incentivo mútuo entre o grupo de educadores, partilha de idéias e projetos comuns, reflexão sobre a prática, e aperfeiçoamento constante, pois o Educador social deve estar atualizado, seguindo as tendências contemporâneas.

Certamente há uma necessidade latente de melhor aprofundamento quanto às questões de Educação Social e formação do educador para esta prática de pesquisa. Os dados recolhidos junto a estes profissionais neste estudo, auxiliará para que a fundamentação seja cada vez mais enriquecida, efetivando a verdadeira práxis, dialética, tão almejada e necessária. Estes conhecimentos partilhados e (re)estruturados podem trazer grandes benefícios ao grupo e ao trabalho.

Acredito que todo o referencial teórico não chega a estes educadores, que, muitas vezes, estruturam suas práticas educativas apenas na prática e apóiam-se uns nos outros, para sustentar suas ações.

Ser Educador social, no recorte que acredito ser interessante para esta pesquisa, é trabalhar junto com crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, buscando fomentar práticas educativas que promovam o sair do lugar, caminhar, fazer processo de desenvolvimento.

Cabe ressaltar que estes processos de formação do Educador social precisam ser legitimados, como espaços de crítica aos próprios fazeres educativos nesta área e aos objetivos propostos. Não é possível que estes sirvam como legitimadores de uma realidade social que utiliza da Educação social para reafirmar as discrepâncias sociais, as diferenças opressoras, ao contrário de emancipar e promover os educandos envolvidos no processo. É importante refletir constantemente sobre os processos e as ações.

4.2.3.3 Vivências e Práticas

A partir das categorias anteriores, ficou evidente que há necessidade de clareza na atuação dos Educadores sociais, de modo a pontuarem aquilo que realmente desejam de suas práticas, enquanto unidade educativa individual e coletiva da Instituição.

Neste terreno importante e fértil onde é desenvolvido o trabalho social, a falta de clareza leva os educadores a programarem práticas calcadas em suas experiências pessoais

que, por vezes, reforçam o referencial que tem de educação, convergindo então para a educação formal.

No espaço do Novo Lar, é possível observar muitas ações escolares de controle e supervisão, por exemplo, folhas de chamada; pareceres descritivos que revelam o desempenho semestral dos jovens nos cursos e oficinas; aulas teóricas com quadro e giz; planos de aula e outros que revelam a necessidade de organização e controle das aprendizagens dos educandos. Chama-me a atenção o fato de estes serem instrumentos necessários para controle interno, totalmente desprovido de cobrança externa, em nível de Ministério ou Secretarias Públicas, que possam cobrar resultados do desempenho destes alunos. Pode ser que estes recursos sejam eficientes, mas ocorre-me questionar, por que, em espaços não-formais de aprendizagem, continua-se perpetuando as organizações que legitimam o formal, o escolar, organizado da mesma forma que uma escola regular?

Alarcão (2001, p. 118-119) analisando questões sobre a mudança e permanência da escola diz que o discurso sobre “crise” e a “inadequação” da escola é tão antigo quanto à própria escola, datando do século XIX e da primeira república. Mas paradoxalmente, a escola que está aquém das expectativas sociais, ao longo da segunda metade do século XX, busca modernizar-se apesar de permanecer com aspectos estruturais da organização e de currículo escolar, que raramente é alvo de críticas. Os aspectos estruturais a que se refere, dizem respeito à unidade organizativa dos alunos e da escola, a seqüência hierárquica da aprendizagem por anos letivos, a organização segmentaria e individual da produção do trabalho docente, a estrutura curricular disciplinar.

Alarcão (2001) diz:

Podemos afirmar que se assiste em relação à escola, [...] a um processo que a sociologia designa como *naturalização* de uma realidade que, por ter-se estabilizado em um determinado formato organizativo, a que corresponde todo um sistema conexo de diversos subsistemas (formação e colocação de professores, processo de avaliação e certificação, regulação de acesso, etc.), instala-se na representação social e dos diversos atores como a única possível, transformando uma estrutura de construção eminentemente sociocultural e datada em um poderoso referente tido por *natural*, com toda a carga simbólica correspondente à idéia de imutabilidade e estabilidade.

É interessante estabelecer estas discussões nos espaços de Educação não-formal, já que este se encontra em “vantagem”, pois não está regulada para funcionar como uma educação formal. Porém, por falta de aprofundamento quanto às possibilidades e “modelos” novos, estes espaços acabam reproduzindo a forma de estruturação das escolas regulares, enfatizando o modelo superado de organização escolar atual.

Além disto, novamente é relevante pensar sobre o objetivo dos cursos e oficinas oferecidos, pois as práticas são diversas e não convergem para um lugar comum. Ao contrário, cada educador tem desejos diferentes com o seu ofício que podem ser aglutinados na ênfase em:

- Educação para o trabalho
- Educação Humana
- Educação Cristã

Quando os participantes do estudo referem-se à Educação para o Trabalho, enfatizam suas práticas para que realmente adequem o jovem para o mercado de trabalho. Direccionam esta qualificação para um enfoque caracterizado de “mão-de-obra”, oriundo dos países socialistas Delors (2005, p. 125) que consiste em confrontar previsões econômicas referentes ao emprego e sua divisão por profissão em um determinado horizonte (demanda de mão-de-obra) e por outro lado, previsões referentes à evolução da população ativa suscetível de ocupar esses empregos, dividida por qualificação e considerando as saídas esperadas do sistema de educação e de formação (oferta ou recursos de mão de obra). O Educador Tecnícista referenda, quando trata da função de seu Curso: *“Ajudar o garoto evoluir através do conhecimento que é a palavra chave. Para inserir-se no mercado, precisa estar socializado”*.

Acontece que num país subdesenvolvido como o Brasil, os fatos não acontecem de forma tão matemática, quando se trata de oferta e procura de emprego, o que torna a qualificação voltada para este tipo de capacitação focada para mão-de-obra incipiente em uma sociedade tão diversificada e pouco previsível quando se trata da questão de emprego. Frost (1991) coloca que para os países em desenvolvimento, as esperanças de criação de emprego situam-se nas pequenas empresas e no trabalho independente e que o problema colocado aos sistemas educacionais não é apenas o da difusão de conhecimentos e de habilidades técnicas, mas principalmente o do desenvolvimento de atitudes e de comportamentos, particularmente aqueles que favorecem a confiança em si, o espírito de iniciativa e que preparam para atividades independentes.

Maia (2005) analisando o contexto e as perspectivas do Projeto societário de desenvolvimento acrescenta:

Em meio às reações populares, crescem as experiências articuladoras do associativismo e do cooperativismo, que sofrem importante avantajamento através das diversas redes de Economia Popular Solidária, constituindo processos que já indicam, como afirma Cattani (2003), a formação de uma outra economia.

Penso que compreender estas perspectivas para um Projeto societário cidadão é necessário para os educadores e a Instituição, no intuito de mobilizar, conforme afirma Maia (2005 p,40) o tensionar da relação local-global, indispensável ao desenvolvimento societário.

A preparação para o mercado de trabalho através do ensino profissionalizante é importante e inclusive recomendado pelo Banco Mundial, conforme (Delors 2005 p,132), especialmente para a juventude brasileira que prematuramente necessita estar inserida no mercado de trabalho. Mas in Foster, Middleton et al (1993) assinalam o fracasso de muitas tentativas de antecipar-se a demanda, na esperança de estimular o desenvolvimento mediante a oferta de mão-de-obra qualificada, ou de reduzir o desemprego de jovens na ausência de políticas de criação de emprego. Revisam ainda as possibilidades e limites da aprendizagem para o emprego. Mediante tais evidências, acredito que a preparação para o trabalho deva acontecer de forma crítica, para que estes jovens mesmo trabalhando como empregados, saibam mensurar o valor de seu trabalho para o desenvolvimento do País. Esta consciência é que diferencia o trabalho calcado na formação de cidadãos trabalhadores para a formação de reprodutores do **sistema quo**. A Educadora Pastora coloca: *“Às vezes somos muito casa e preparamos pouco para que eles enfrentem o mundo fora como futuros profissionais. Porque no curso, se preparassem eles para pensar o que tu quer, objetivo de vida, lutar por isso, eu acho que eles fariam com mais vontade...”*

É importante ponderar, que estes jovens podem ser o que desejarem... Que esta formação profissional não deve limitá-los a serem mão-de-obra, caso não queiram. Também é função destes cursos despertarem possibilidades a estes jovens, fazer com que pensem em alternativas de mobilizarem-se enquanto sujeitos e comunidade local, mobilizarem-se comunitariamente. Os cursos não devem “engessá-los” na condição que estão e sim impulsioná-los ao desenvolvimento pessoal e comunitário. Para tanto, aparecem algumas interrogações dos próprios educadores da Instituição que percebem a necessidade de maior qualidade em nível de resultados destes cursos. Quanto ao encaminhamento para o mercado de trabalho, a Educadora Trabalhadora diz ser necessário:

Buscar colaboradores, como uma empresa que recebesse os alunos. Falta um contato direto com a comunidade. Temos um professor vereador, poderíamos usar este contato direto. Deveria ser iniciativa da Obra ir atrás das parcerias. Vejo a preocupação com o bem estar, com a questão assistencialista...

Delors & Cols (2005, p. 184) diz:

O essencial é assegurar uma parceria entre estabelecimentos de formação, empregadores, sindicatos de assalariados e poderes públicos. Essa parceria, para ser mais eficaz deve ser articulada em diversos níveis: nacional, e mesmo internacional. Nacional ou infranacional para a ação sobre as aberturas de postos de trabalho e a política de implantação de formações. Trata-se de uma parceria contínua no tempo, que, por si só, pode substituir o planejamento que se tornou incerto em nosso mundo.

Outro fator importante é a conclusão da educação básica destes jovens, realidade que é necessária para a ampliação da abstração e busca de pensamentos mais complexos.

Sacristán (2002 p, 153) tratando sobre a capacidade de inclusão destaca três projeções, uma delas, diz respeito à dimensão intelectual, como capacitação para o entendimento do mundo, que exige, em função de sua complexidade, a prolongação da escolaridade obrigatória para além do ensino fundamental. E complementa:

Ter consciência do que são o mundo e a sociedade atuais não é algo a que se possa chegar espontaneamente e com facilidade a partir do senso comum, sem contribuições de aprendizagens que não costumam ser adquiridas no intercâmbio cotidiano com as coisas, com a tecnologia, com os demais seres humanos, com as instituições ou com o contato com os meios de comunicação.

É sem dúvida, relevante considerar, antes de tudo, que a formação básica deva ser um serviço de estímulo por parte do educador em relação aos educandos, pois este auxilia para o aprofundamento das questões de conhecimentos gerais e complexidade de pensamentos.

Mas antes de qualquer tipo de Educação para o trabalho que se deseje implementar, é necessário ter consciência do tipo de Projeto societário a que se quer “servir”. Caso a Instituição estabeleça uma mobilização que aponte para a organização de grupo e trabalho para um Projeto societário cidadão (MAIA, 2005, p. 45), poderia ser focalizado a idéia de articulação comunitária, através de cooperativas, o que hoje, tratando-se de sustentabilidade, é um fator economicamente relevante e discutido para países subdesenvolvidos. Maia (2005) coloca:

Nessa perspectiva, as ações no campo social são protagonizadas como políticas de desenvolvimento, com uma efetiva participação da população historicamente excluída do acesso às riquezas socialmente produzidas, bem como dos processos decisórios da nação, a partir da sua condição de cidadãos.

Pensar sobre isto seria interessante para um grupo que deseja a efetiva mudança da realidade social destes jovens em situação de vulnerabilidade, para mexer com as essências, com a visão coletiva de suas vidas, isto é, com os espaços sociais a que pertencem, chamando não só o jovem, mas seu entorno social à mudança. Conforme o Educador Comprometido se refere: *“Trabalhamos também com as famílias, porque nos questionamos: Será que não estamos trabalhando só com o efeito e não com a causa, que é a família?”*.

Em relação à Educação Humana que fazem referência, o Novo Iar realiza uma forte formação voltada para a humanização. Tanto que suas práticas são bastante calcadas em trabalhos de reflexão e vivências de relações interpessoais, o que é muito importante. De acordo com a Educadora Solidária, o trabalho dos Cursos é diferente por que: *“Nós trabalhamos mais com o coração...”*.

Segundo Maturana (2002, p. 66): *“Para que haja história de interações recorrentes, tem que haver uma emoção que constitua as condutas que resultam em interações recorrentes. Se esta emoção não se dá, não há história de interações recorrentes, mas somente encontros casuais e separações”*.

Alguns momentos importantes de formação humana que ocorrem na Instituição na visão dos participantes são:

- Boa Tarde: encontro semanal de todos os alunos no salão da Obra, onde são apresentado teatro, jogral, músicas, organizados pelas turmas a partir de datas comemorativas, ou algum tema social relevante para a juventude, tais como drogas, gravidez na adolescência ou datas religiosas cristãs para que os jovens congreguem-se e reflitam sobre estes assuntos;
- Gincanas: sempre com o cunho cooperativo, visa integrar a juventude;
- Exposições: Referente a alguma data comemorativa importante. Por exemplo: Estande gaúcho com roda de chimarrão na semana Farroupilha.
- Saídas de Estudo: Visita a locais importantes para ensino e aprendizagens referentes ao curso além de promover a socialização;
- Projeto com a Psicologia: Trabalha com os alunos questões de valores e temáticas preventivas.

Certamente estes são espaços muito interessantes de integração e vivência de valores humanitários importantes especialmente para estes jovens que vivem em condição de conflito e risco constante.

Importante referirmo-nos aqui à visão de Educação Integral e holística (YUS, 2002) que busca redimensionar a Educação de uma concepção tradicional, tecnicista e conteudista, para uma visão mais integral do ser e do Universo. Segundo Yus (2002, p.15) rastreando a concepção de educação holística a partir da origem etimológica de holismo, que vem do *grego holon*, que faz referência a um universo feito de conjuntos integrados que não pode ser reduzido a simples soma das partes. Dentro desta concepção, que se contrapõe à visão reducionista do mundo, existe uma aceção que ressalta a existência de uma dimensão espiritual nas coisas, e outra mais materialista que admite a existência de um “todo” formado por partes que se inter-relacionam. O termo *Educação Holística* foi proposto pelo americano R Miller (1997) para designar: “o trabalho de um conjunto heterogêneo de liberais, de humanistas e de românticos que têm em comum a convicção de que a personalidade global de cada criança deve ser considerada na educação”. Então, segundo a Educação Holística, são consideradas todas as facetas da experiência humana, no processo educativo, não só o intelecto racional e as responsabilidades de vocação e cidadania, mas também os aspectos físicos, emocionais, sociais, estéticos, criativos, intuitivos e espirituais inatos da natureza do ser humano.

Olhar para estes jovens através de uma educação holística aponta além de uma ação educativa individualizada, uma forma de resgate e promoção de identidade humana pessoal e coletiva.

Os educadores pontuam o cuidado em não tornar esta casa um lugar utópico, o único lugar onde devem ser vivenciados tais valores. Preocupam-se em criar um elo entre o ideal, que é trabalhado na Instituição com o real, vivido em sua realidade local. Apesar de saberem que esta transposição é um grande desafio.

A Educadora Ouvidora diz: *Fazer com que eles se desvinculem daqui e criem uma independência ai fora. Temos com o bem estar deles, eles se habituem, eles se acham aqui dentro e fica muito difícil eles se desvincularem daqui.*

Há uma forte preocupação dos educadores em formar indivíduos mais autônomos, que consigam aos poucos desvincularem-se da Instituição e trilhar seus próprios caminhos de busca, mas a Instituição cria tanto prazer e bem estar aos jovens que estes não querem desligar-se dela, por vezes, realizando cursos diferentes repetidas vezes apenas para manterem-se ali.

No momento que tu trabalha numa Obra social tem que trabalhar a realidade social onde aquele educando está inserido. Para que estamos preparando o nosso

educando, para ele permanecer 500 anos aqui no Novo Lar ou para prepará-lo para o mercado de trabalho, para ele exercer uma atividade fora (Educadora Pastora).

Este fato cria uma condição assistencialista da Instituição que os educadores acreditam não ser interessante fortalecer. *“Mostro que por mais que o Novo Lar seja diferente, eles também precisam enfrentar as diferenças entre o Novo Lar e do mundo lá fora. Porque aqui tem tudo, lanche, passagem. O que costumam fazer aqui de bom, façam lá fora também” (Educadora Ouvidora).*

Talvez seja interessante o aprofundamento quanto aos preceitos da Educação Holística, enquanto filosofia que *“começa com um respeito profundo pelo ser humano em crescimento e procura oferecer, dessa forma, um ambiente de aprendizagem”*. R. Miller(1997), coerente e sensível para as tarefas que impulsionam os sucessivos estágios de desenvolvimento. Yus (2002, p. 20). Yus, trás ainda bases pedagógicas da Educação holística, necessárias para fortalecer esta educação J.Miller (1996). São elas: o equilíbrio, a inclusão e a conexão. Destaco o equilíbrio, que se constitui em alcançar um equilíbrio frente às diversas dicotomias existentes e ajudar os estudantes para que manejem estas a partir de uma ótica equilibrada, sabendo organizar seu desenvolvimento emocional, estético, físico e espiritual. Esta auxiliaria no fato de fortalecer-se enquanto sujeito social crítico e reflexivo, agente de mudanças e fortaleceria sua ação social autônoma.

Charlot (2001, p.150) dedicando-se a dissertar sobre as relações entre escola e “a vida”, pontua:

Para entrar na escola, e entrar no sentido simbólico do termo, é preciso gerir essa dinâmica continuidade/descontinuidade/especificidade: construir uma relação com o saber e com a escola que, ao mesmo tempo, se apóia nas relações de aprender já construídas (o que permite que o saber e a escola tenham sentido) e se diferencia (o que permite relacionar-se com o saber e com a escola em sua especificidade). De forma legítima, isso é possível: o que se aprende na escola permite também dar sentido ao mundo, a si, às relações com os outros, em suma, “à vida”.

A Educação Cristã, no Novo Lar, está presente em todos os momentos. Apesar de receber jovens de diversas religiões, o carisma Salesiano de fazer educação entrelaça-se com as aprendizagens e com as ações pedagógicas constantemente. Isso pode ser visto pela posição do Educador Presença: *“Não passo por leituras na linha da pedagogia, mas na dimensão da espiritualidade. Utilizo muito da Bíblia... Pela manhã, quando faço meditação coloco nas mãos de Deus as necessidades e recebo forças para o trabalho”*.

Os educadores parecem ter clareza da premissa de *educar evangelizando e evangelizar educando (DOM BOSCO)*, pois em suas falas, utilizam termos de uso comum das

comunidades educativas salesianas, começando com os termos educandos e educadores ao invés de alunos e professores.

São diversos espaços presentes na rotina da Instituição que remete a vivência da Pedagogia de Dom Bosco:

- Momento Bíblico: reflexão diária sobre trecho da bíblia, ligando com a realidade social. Serve como oração inicial no espaço educativo;
- Celebrações nas datas comemorativas: Aniversário de Dom Bosco; Maria Auxiliadora; São Domingos Sávio; Missas e outra, pertinentes ao calendário cristão;
- Cantos: Os momentos de Celebração, festividades e encontros normalmente são animados com cantos católicos e Salesianos;
- Encontros de Formação: Organizados pelo Setor de Pastoral, aliam reflexão sobre temas atuais e relevantes à juventude, com reflexões de cunho cristão.

Estes momentos refletem o carisma salesiano de fazer educação e ao mesmo tempo uma idéia subjacente de trabalhar valores e mudança de postura frente a vida. Os educadores dinamizam com facilidade tais momentos, ou são auxiliados pelos seminaristas e demonstram espírito de cooperação, buscando integrar os jovens às propostas Salesianas. Parece estar tão presente na Instituição estes símbolos e rotinas que as ações educativas voltadas à espiritualidade salesiana, foram absorvidas com naturalidade e apesar de presentes e relevantes e são pouco citados pelos entrevistados.

Saliento a importância de valorizar a cultura trazida pelos jovens, de debruçar-se cada vez mais nas concepções religiosas trazidas por eles, considerando o Multiculturalismo, neste espaço, bastante plural.

Sacristán (2002, p. 174-175) diz que a multiculturalidade, entendida como pluralidade cultural, é realidade reconhecida que introduz uma linguagem com significados polivalentes que, em todo caso e como ponto de partida, situa-nos diante da necessidade de reconhecer a variedade e rejeitar uma concepção essencialista da universalidade da natureza humana, de suas possibilidades e de suas criações culturais.

Assim, em sentido antropológico não existe cultura universal, a não ser que possamos considerar como tal a soma de todas as culturas, o que acontece é a universalização de traços culturais. É um grande desafio para o pensamento dominante, para os pressupostos da educação e para suas práticas, o pluralismo cultural, pois o sistema educacional, através da violência simbólicas (BOURDIEU e PASSERON) e das várias formas de controle, deve

alcançar a coerência, a sobrevivência e o respeito pela cultura, o que pode ocasionar um isolamento na cultura e um respeito, mas não compreensão e o entendimento.

Logo, faz-se como necessário um verdadeiro entrelaçamento das culturas presentes no ambiente educativo e o ato de contemplar estas diferenças, como forma de inclusão e não sobreposição cultural.

Um exemplo do respeito e resgate a cultura dos jovens foi um evento realizado na Semana da Consciência Negra, uma Celebração Afro, que fortaleceu o valor da etnia negra, bastante presente no local. Logo, continuar dando visibilidade às diferenças religiosas, promove o sincretismo, valoriza a cultura trazida pelos jovens e o respeito às diferenças, fator necessário para o projeto de promoção social, nesta sociedade cada vez mais individual, singular e excludente.

4.2.4 Educadores Sociais: Sonhos, Expectativas e Desejos

Queremos educar crianças, adolescentes e jovens do Novo Lar para serem bons cristãos e honestos cidadãos, sendo pessoas que lutam por seus direitos e assumam seus deveres (PEP-2004).

Partindo do objetivo da Instituição, citado acima, o Novo Lar, através de seus educadores, objetiva educar jovens para (PEP-2004):

- lutar por um espaço na sociedade, reivindicando seus direitos e vivendo seus deveres;
- respeitar e promover a dignidade de cada pessoa, sobretudo dos mais fracos;
- assumir hábitos e atitudes críticas, criativas, conscientes, libertadoras e transformadoras da sociedade;
- crescer como cidadãos de direitos e deveres;
- ter esperança e possibilidade de crescimento;
- valorizar as capacidades e competências dos educandos.

Assim, as intenções destes educadores são de fomentar o desenvolvimento integral dos jovens e propiciar um espaço de protagonismo destes em busca de uma sociedade mais justa e igualitária, onde tenham espaço de ser verdadeiramente cidadãos.

Conforme Maia (2005 p, 50), referindo-se a questão “social”, afirma que fica latente neste contexto a urgência da implantação de políticas realmente públicas e, voltadas aos interesses e necessidades do conjunto da população-garantidoras dos direitos humanos universais, afirmadas e afirmadoras da democracia e, por isso, construtoras do projeto societário de desenvolvimento cidadão. Para que isso se realize, Estado e sociedade são

chamados ao fortalecimento, inclusive para dar direção aos rumos da economia. Esse movimento estabelece a construção da esfera e do interesse público no confronto à esfera e interesse mercantil (SADER, 2004). Assim, o social reconhecido historicamente pelo seu caráter de benevolência ou, mais recente, como uma boa estratégia de negócio e afirmação do capital, passa a constituir-se como espaço de politização. Nogueira (2004) identifica a política como fibra sensível e visível da relação das esferas da sociedade civil, sociedade política e econômica, constituindo-se em uma articulação indispensável à afirmação do projeto societário de desenvolvimento cidadão e da gestão social (LANDIM, 1999).

Ocorre que é perceptível em algumas ações dos educadores tais preocupações, porém há falta de eficácia nas práticas para que este forte objetivo realmente se efetive. Nas falas, percebe-se a falta de clareza na identificação dos objetivos o que ocasiona que algumas ações sejam diferenciadas das intenções.

Na prática, os sonhos e as expectativas dos educadores ficam evidenciados através de suas falas e são o de trabalhar para promover:

- formação humana e cristã;
- capacitação profissional e encaminhamento para o mercado de trabalho;
- disciplina, para saberem portarem-se de forma aceitável na sociedade;
- habilidade para trabalhar em grupo.

O sonho da ação, descrita no Plano da Instituição de ter Educadores sociais que promovam a ação pedagógica libertadora, esbarra na necessidade de alguns meios que favoreçam atingir os devidos fins. Por exemplo:

- Instaurar espaços de Formação continuada de qualidade para os educadores, onde possam voltar-se para “dentro”, pensando e repensando suas ações educativas em nível paradigmáticos; E fortalecendo a identidade de Educadores.
- Trabalho mais efetivo junto à comunidade local;
- Criação de mais espaços de reflexão e crítica para que os jovens discutam sobre a realidade social e pensem alternativas para mudança de realidade social e vivência de sua cidadania.

Maia (2005 p. 116) tratando sobre a questão da gestão social, assinala a emergência da construção de uma grande política, nos termos de Gramsci (1999), transformada e transformadora, cuja viabilização se dá em meio aos processos contraditórios e conflitivos deste tempo presente. Isso significa que a afirmação dos valores da cidadania e da

democracia, assim como a construção de uma civilização radicalmente humana, necessitam ser feitas nos ambientes de sua negação.

Assim, o compromisso de toda a comunidade e principalmente destas instituições como a pesquisada, está, dentre outros, em criar espaços de reflexão para conhecer a realidade social e fomentar estes jovens a criticarem os valores impostos como únicos. Como refere Wanderley (1991, p. 114):

[...] encontrar sendas novas para conhecer as relações dialéticas e contraditórias entre eles, os vetos (ou vetores) fecundantes, as forças integradoras e disruptoras, numa visão que dê conta da imensa complexidade, sem evidentemente abandonar a compreensão de cada instância no que ela contém de própria.

Quando questionados quanto aos sonhos, expectativas e desejos enquanto Educadores sociais, um fator importante é que os educadores apresentam desejo em seguir sua qualificação profissional, não se acomodando com o conhecimento já adquirido. Os Educadores colocam: *“Nunca tinha pensado em ser educador, agora que sou minha meta é dar aula em Faculdade”*; *“Estou pensando... Talvez fazer Faculdade de História”*. *“Quero fazer Faculdade de Psicologia e pretendo dar assistência neste trabalho nas escolas, mas não continuar sendo educadora”*.

Mas interessante destacar que as qualificações que pretendem buscar não seriam diretamente para atuar como Educadores sociais e sim em outros espaços educativos ou correlatos à educação.

É possível constatar através da análise das falas dos Educadores Qualificada e o Técnico: *“Não vou conseguir trabalhar a minha área aqui...”*; *“Quero enquanto estiver fazendo este trabalho, fazê-lo bem feito, mas depois quero seguir minha vocação, é trabalhar com a ciência...”*.

Este fato pode ser relacionado ao descontentamento demonstrado, quanto à valorização de seu trabalho, o que pode ocasionar a busca por novos espaços de atuação. *“Poderei buscar outro espaço que me dê mais recursos para o trabalho. Pode ser na área social ou não. Eu adoro trabalhar com as crianças e com a área social, mas é preciso ter investimento. Estudo, trabalho, mas farei mudanças para mim”*.

Gadotti (2000) define como perspectiva *“crença em acontecimentos considerados como prováveis e bons. Falar de perspectivas é falar de esperança no futuro”*. E complementa: *“refere-se com possibilidades, com o possível histórico; possível é o que pode ser e também não pode ser. É o campo da construção não, da determinação”*. Parece que falta a nossos

educadores, perspectivas na área a que pertencem ou desejo, especialmente de crescer no seu ofício.

A partir das falas dos educadores percebe-se que os fatores que geram tal sentimento são: 1. questão salarial ; 2. viabilidade de recursos para o trabalho e eu acrescentaria um terceiro fator que poderia ser depreendido à partir das falas: 3. falta de clareza do valor do seu ofício. Conforme o educador Tecnista diz: “Quando você trabalha como Educador social, você trabalha com uma parte da sociedade marginalizada, e quando você comenta com a parte da sociedade que marginaliza você acaba sendo marginalizado também”. O que revela a necessidade do fortalecimento do papel do Educador social e a clareza de sua realidade para atuar com resistência e de forma estratégica frente a ela. Conhecer o que faz como deve fazer e para que o faz, é fundamental e imprescindível, para um grupo reconhecer-se como tal e para que sonhem juntos um Projeto de Educação Social que transforme e liberte.

Para os professores titulados há uma grande dificuldade histórica de se verem enquanto profissionais, trabalhadores, pois segundo Arroyo (2000 p.193) a imagem que a sociedade faz do professor é de transmitir saberes escolares, ensinar competências e habilidades, preparar para concursos e vestibulares, aplicar provas e dar notas, aprovar e reprovar... Tem pouco de profissional e de específico, qualquer um pode fazer desde que saiba esses saberes e seja treinado. Essa imagem pobre e utilitarista depõe contra o profissionalismo do professor e sua intelectualidade, o que gera também desmotivação e questionamentos quanto ao próprio valor, nestes profissionais.

Considerando que no caso dos professores há esta grande desvalorização, podemos imaginar o que se passa em relação ao Educador social, que além de não ter clareza quanto à dimensão de sua ação, não possui reconhecimento social. Possivelmente sente-se perdido e almeja este reconhecimento pessoal e financeiro, galgando outras funções profissionais menos turvas.

Apenas uma educadora referendou como suas expectativas, referindo-se à Instituição e ao Projeto de trabalho que desenvolve. Disse desejar que o Novo Lar seja referência para o Município quanto à formação humana e profissional, preparando o educando para a vida.

Figura 18 – Tessituras Finais



Fonte: Novo Lar de Menores – Viamão/RS

5 TESSITURAS FINAIS

Durante a pesquisa os sentimentos vivenciados no interior da Instituição foram variados. Na maioria momentos de alegria e satisfação, mas também certa ansiedade em querer que aquele belíssimo Projeto educativo melhorasse cada vez mais. Encontrei uma Instituição muito humana, cheia de vida, onde as pessoas parecem sentir-se bem em fazer o que fazem. Educadores amigos, que estão constantemente se indagando, mas não sabem, muitas vezes, como fazer as perguntas. Isto quer dizer que há boa vontade em realizar os processos pedagógicos, boas “ferramentas” humanas para tal, mas há falta de questões científicas que referendem o fazer educativo.

Para compreender esta falta de referencial é importante nos reportarmos a questões históricas e sócio-políticas que buscam explicar esta realidade.

Ao longo da caminhada histórica brasileira, percebo a cultura da “submissão” do país às tendências do “Primeiro Mundo”, iniciando pela Colonização. Recebemos os Europeus, importamos seus costumes e hábitos, desconsiderando nossa riquíssima cultura brasileira, que praticamente foi dizimada pela européia. Exportamos muito também, mas os lucros, os benefícios desta exportação foram para os países do primeiro mundo. No decorrer da história da educação, deparamo-nos com uma realidade de contínua importação de modelos considerados melhores, tendo o americano preponderado nas últimas décadas. Com isso, não quero afirmar que não devemos utilizar modelos vencedores, mas que há necessidade de análise destes modelos, estudo, adequação à nossa realidade, consideração aos nossos processos e a nossa caminhada educativa.

Contamos com uma realidade educativa que apresenta diversos nuances diferenciados, que devem ser considerados, visto que a educação acompanha as características da cultura, que no Brasil é considerado pluriétnico e também multidisciplinar. Um exemplo disso é esta Instituição pesquisada, que trabalha ação “semi-profissionalizante” e cultural com educandos que estão em situação de vulnerabilidade social.

Segundo pesquisa do IBGE(2000) no Brasil, o índice populacional de jovens, 15 a 24 anos, perfaz o total de 20,1%, da população. Em 1999, 40% da população jovem viviam em

famílias em situação de extrema pobreza, certamente enfrentando desemprego, preconceito e exclusão, situações de risco social que poderiam sugerir o ilícito como caminho para a melhoria financeira da família. Assim, acredito que os estudos quanto as questões educacionais eficientes para esta clientela é pequena, frente à amplitude do problema educacional e social brasileiro.

Muitos relatos dos pesquisados, descritos e analisados neste estudo, apontam para a melhor compreensão de qual deve ser sua ação? Para que eles educam? Como devem educar? São mesmo educadores? Afinal, são pessoas que nunca pensaram em ser educadores, não tinham este desejo, foram gostando de fazer educação, fazendo a educação.

O fato é que pessoas que realizam papéis fundamentais de formação educativa carecem de uma construção de Identidade de Educadores sociais enquanto grupo. O fato de não terem esta formação inicial ou a formação continuada de qualidade dificulta a caminhada de continuidade do projeto, de crescimento deste espaço e a reflexão constante e necessária sobre os essenciais objetivos da Obra.

Certamente, em função das mudanças sócio-históricas, muitos são os desafios para as Instituições educativas e o fato de uma Obra como o Novo Lar estar neste processo de diversas interrogações, não é correto invalidar toda a sua importância e relevância para a Comunidade local e conseqüentemente para a sociedade como um todo. Mas ainda assim, é necessário avançar, especialmente quando se trata do campo social, que, no Brasil, desde o Descobrimento, está entregue a uma visão de Assistencialismo.

Ou ainda, no pensamento de Fernandes analisado por Gadotti, (1990, p. 11):

A burguesia sempre pensou uma escola para si, desconsiderando por completo o direito de todos a uma educação de qualidade. O descaso com a questão é tratada é fruto de uma falta de vontade política, descompromisso histórico com os direitos fundamentais das classes populares e, sobretudo, grande insensibilidade pedagógica por parte dos órgãos competentes....

É importante considerar inicialmente o porquê da existência de tais espaços educativos... Acredito que, vitimados pela “incompetência” do sistema social e escolar, estes estudantes não conseguiram terminar os estudos conforme o tempo estabelecido, cumprindo a faixa etária regular. Muitos deles sentem-se marcados como incapazes intelectualmente. Agora, estão interessados em aprender através de cursos e oficinas, para conseguirem emprego e auxiliarem no sustento da família, tendendo a não seguirem os estudos em função

do trabalho. Romans, Petrus e Trilla (2003, p.161) tratam o papel a ser trabalhado pelo Educador social voltando o olhar para a questão do trabalho:

- sensibilizar entidades e agentes com capacidade de promover políticas solidárias de inserção;
- criar vias de acesso ao mundo profissional para ocupar espaços do mercado onde se necessita muita inventiva e criatividade, e onde um certo setor da população dificilmente terá acesso por meios tradicionais;
- trabalhar aspectos de conscientização e colaboração para a sociedade que exclui os setores com maiores índices de marginalização;
- suscitar a motivação das pessoas “sofredoras” desta marginalização, a fim de promover atitudes ativas de reinserção;
- sair de políticas e intervenções paternalistas para olhar as intervenções de reinserção de pontos de vista mais práticos;
- buscar novos âmbitos de atuação, tanto para prevenir situações como para dar respostas nos âmbitos adequados.

Os Educadores sociais trabalham com um público que está no auge de sua formação pessoal, profissional e humana. Gostam de estar junto a estes educadores, pois são compreensivos, atenciosos, humanos e valorizam aquilo que o jovem trás, sua realidade. Os Educadores do Novo Lar são muito mais capazes e fazem muito mais do que imaginam fazer. Fornecem a estas crianças e jovens o que eles não encontram em muitos outros espaços e instituições sociais que freqüentam. Eles são “humanos”, e a juventude carece de “humanidade”. Este é o motivo de vital importância para que sejam galgadas melhores formas de capacitação para estes profissionais, para que possam auxiliar estas crianças e jovens a serem Resilientes (TAVARES et al, 2002) a esta condição “imposta” socialmente para suas vidas. O papel importante do Educador social é de resgatar vidas e fazê-lo através da (re) construção da cidadania e isto exige muito de qualquer educador. Mais que ensinar conteúdos, que talvez possam estar obsoletos, seria ajudá-los a pensar sua condição pessoal e social e transformar sua vida e a vida de sua comunidade. A ação educativa do educador social é social.

Romans, Petrus e Trilla (2003, p. 188) trazem o caminho para a prática educativa de qualidade (UTOPIA):

- refletir sobre a profissão escolhida: educador;
- querer ser um profissional excelente e entusiasta;

- vigiar as próprias expectativas, analisar sonhos e realidades;
- compartilhar, delegar, trabalhar em equipe;
- procurar aprender com os acertos e com os erros. Querer melhorar;
- reconhecer as próprias limitações. Aprender com os outros;
- escutar e compartilhar;
- entender as situações dos demais para prestar a colaboração mais adequada às necessidades educativas.

Logo, considerando este pouco conhecimento em relação à Educação social, o seu papel e as suas possibilidades, foi que decidi refletir sobre o presente estudo. Pesquisar como os Educadores sociais percebem o seu trabalho e como vêm construindo a sua trajetória neste campo, foi uma bela aprendizagem. Acredito que por meio desta tomada de consciência cultivada pela educação continuada, estes educadores poderão criar uma capacidade maior e mais eficaz para lidar com diversas situações-conflito, ou mesmo práticas cotidianas do contexto educativo.

De acordo com Pozo (2002, p. 92) investigações têm revelado que as instituições de ensino que promovem interações entre professores/gestores e professores/alunos, um ensino cooperativo na elaboração de metas, os resultados costumam convergir em melhores aprendizagens, pois este tipo de atividade “melhora a orientação social dos alunos[...]”. Para o autor em meio a estas múltiplas tarefas e atividades, os personagens se diferenciam e assim podemos encontrar o professor: provedor, modelo, treinador, tutor ou guia e o assessor. Nesta investigação, quando os educadores fizeram as suas identificações, embora sem conhecimentos teóricos já discutidos neste texto, se aproximaram intuitivamente desta classificação.

No meu entender, estes e outros aspectos que refleti nesta dissertação revelam que há uma certa urgência em se dar continuidade ao estudo do Educador social, que atua na educação não-formal, traçando um certo perfil e algumas funções básicas para seu desempenho como também, alguns pontos de referência.

Parece interessante provocar novos estudos para que a sociedade tome consciência da relevância deste trabalho com diferentes enfoques. É importante considerar a formação dos Educadores sociais, o papel da Instituição, os cuidados com as crianças e jovens e o constante olhar para (re)definir, (re)inventar novas possibilidades para esta área tão pouco desenvolvida, especialmente no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. *Escola Reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- AURÉLIO, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.
- ARRIAGADA, I. Famílias Vulnerables o Vulnerabilidad de las Familias? Apresentado em CEPAL, Seminario Vulnerabilidad, CEPAL, Santiago de Chile, 2001.
- ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Tradução de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1980.
- BOFF, Leonardo & Boff, Clodovis. *Da libertação: o teológico das libertações sócio-históricas* 2ª edição, Petrópolis: Vozes, 1980.
- BOFF, Leonardo & Regidor, José Ramos. *A teologia da libertação: balanços e perspectivas*. Petrópolis: Ática, 1996.
- BOURDIEU, Pierre (orig. 1972). *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press. 1977.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Em campo aberto: escritos sobre a educação e a cultura popular*. São Paulo: Cortez, 1995.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Educação popular na escola cidadã*. Petrópolis: Ática, 2002.
- BRAIDO, Pietro. *Prevenir, não reprimir: o sistema educativo de Dom Bosco*. Tradução Jacy Cogo. São Paulo: Salesiana, 2004.
- BRASIL, LDBEN - Lei Federal 9.394/1996.
- CASTORINA, José Antonio et al. *Piaget -Vygotsky – Novas contribuições para o debate*. Tradutora Claudia Schilling. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- CABANAS, José Maria Quintana. *Pedagogia Comunitária: Perspectivas Mundiales de Educación de Adultos*. Madrid: Narecea, S.A. de Ediciones, 1991.
- _____. *Pedagogia Social*. Madrid: Dickinson, 1994.
- _____. *Fundamentos de Animación Sociocultural*. Madrid: Narecea, S.A. de Ediciones, 1992.

CARIDE, José Antonio. *Las fronteras de la Pedagogía Social: perspectivas científica e histórica*. Barcelona: Gedisa editorial. 2005.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY. Miriam. *Juventudes no Brasil: vulnerabilidades negativas e positivas*. Brasil. a:2005.

CASTRO, Marta Luz de. A metodologia da Pesquisa qualitativa: revendo as idéias de Egon Guba in :Engers, M>E>A(org.) *Paradigmas e Metodologias de Pesquisa em Educação: notas para reflexão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, b:1994.

CHARLOT, Bernard (org). *Os jovens e o saber: perspectivas mundiais*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CRUZ, Maria Waleska. *Saberes Epistêmico-Solidários na formação humanizadora de educadores e educadoras emancipatórios para a escola e para além da escola: Pró uma sociedade de Utopia*. Porto Alegre: PUCRS, 2002. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

DEMO, Pedro. *Educar pela Pesquisa*. Campinas: Autores Associados. 1996.

DELORS, Jacques (org). *A Educação para o século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ENGERS, Maria Emília Amaral in: *Educação PUCRS*. Porto Alegre. Ano XXII, n 38, junho 1999 p.111-120.

ENGERS, Maria Emília Amaral. *O professor alfabetizador eficaz: análise de fatores influentes na eficácia do ensino*. Porto Alegre.UFRGS, 1987. tese (Doutorado em Ciências humanas- educação) Faculdade de Educação- Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ENGERS, Maria Emília Amaral. *Paradigmas e Metodologias de Pesquisa em educação: notas para reflexão*. Porto Alegre. Edipucrs.1994.

FERMOSO, Paciano. *Pedagogia Social Fundamentación científica*. Barcelona: Herder, 1994.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer: Teoria e prática da educação popular*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. v. 21. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 14. ed. 4ª coleção. São Paulo: Cortez, 1986.

_____. *Pedagogia da Esperança – Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FILGUEIRA, C.H. Estructura de Oportunidades y Vulnerabilidad Social. Aproximaciones Conceptuales Recientes Apresentado em CEPAL, *Seminario Vulnerabilidad*, CEPAL, Santiago de Chile, 2001.

FROST, D. *Skills for life: experiences of training in three developing countries*. London: Intermediate Technology Publications, 1991.

FUNDAÇÃO ABRINQ: site: <http://www.fundacaoabrinq.org.br>

GADOTTI, Moacir e colaboradores. *Perspectivas atuais da Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GIROUX, Henry. *Os professores como Intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política*. Coleção: Questões da Nossa Época, volume 71. São Paulo: Cortez, 1999.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v.1, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3 ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____; WOODWARD, Kathryn; Silva, Thomaz Tadeu da (org); *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HERNANDES, Aline Reis Calvo. *Atravessando o Portão... Percorrendo significados e características da Educação Não-Formal nas vivências de Agentes Comunitários*. Porto Alegre: PUCRS, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

IBGE - PNAD 1999.

KINCHELOE, Joe L. *A Formação do professor como compromisso político – mapeando o pós-moderno*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LANDIM, Leilah. Notas em torno do terceiro setor e outras expressões estratégicas. *In: O social em questão*. Enfrentamento da questão social. Rio de Janeiro: PPG-PUCRIO, n 4, segundo semestre de 1999.p.61-98

LIMA, Soraila Miranda. A Formação dos Professores e sua relação com o êxito e com o fracasso escolar. *In: Educação em revista - Formação de Profissionais da Educação*. Jones Robison e Brabo; Tanai suely A.M; Marilu. UNESP.nº4 p.1-20, 2003

LINCON, Y. & GUBA, E. *Naturalistic inquiry*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1985.

MAIA, Marilene. *Práxis da Gestão Social nas Organizações Sociais - uma mediação para a cidadania*. Porto Alegre: PUCRS, 2005. Tese (Doutorado em Serviço Social), Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

MARQUES, Mario Osório. *Pedagogia: A ciência do educador*. Ijuí: UNIJUÍ, 1996.

MATURANA, Humberto. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Tradutor José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MIDDELETON, J; ZIDERMAN, A.; ADAMS, A. VAN. *Skills for productivity: vocational education and training in developing countries*. New York. Oxford University Press for the World Bank 1993.

MILLER, J.P-*The Holistic Curriculum*, OISE Press, Toronto Canadá. 1996.

MILLER, J.P-*What are Schools for? Holistic Education Press*, Brandon (US) 1997.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. *Um estado para a sociedade civil-temas éticos e políticos da gestão democrática*. São Paulo: Cortez, 2004.

ORTEGA, F. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal. 1999.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. *Metodologia da Pesquisa: Abordagem teórico-prática*. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

PEPS - *Projeto Educativo-Pastoral Salesiano /2004*.

PEPS - *Projeto Educativo-Pastoral Salesiano /2006*.

PERRENOUD, Philippe. *A Prática reflexiva do Professor Profissionalização e Razão pedagógica*. Tradutora. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PETRUS, A. *Educação Social y perfil del educador social*. In: SÁEZ *.El educador social*. Murcia: Universidad de Murcia, 2003.

PETRUS, Antonio. *Pedagogia Social*. Barcelona: Ariel, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido (org). *Pedagogia ciência da educação? 2ª ed*. São Paulo: Cortez, 1998.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs.). *Professor reflexivo no Brasil - gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. (org). *Pedagogia ciência da educação? 2ª ed*. São Paulo: Cortez, 1998.

POZO, Juan I. *Aprendizes e Mestres - A nova cultura da aprendizagem* - São Paulo: Artmed, 2002.

ROMANS, Mercè.; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. *Profissão: Educador Social*. Tradutor Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SACRISTÁN, J.Gimeno. *Educar e conviver na Cultura Global: As exigências da cidadania*. Porto Alegre: Artmed. 2002.

SADER, Emir (org). Direitos e esfera pública. *In: Serviço Social e Sociedade*. São Paulo: Cortez, n 77, mar.2004.p.5-10.

SCARAMUSSA, Tarcísio. *O sistema preventivo de Dom Bosco: um estilo de educação*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1984.

STAKE, Robert E. *Investigación com estúdio de casos*. Madrid: Ediciones Morata, S.L.1998.

TAVARES, J. (org.). *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez Editora. 2002

TORRES, Suzana Rodrigues in: *O coordenador Pedagógico e o espaço de mudança*. São Paulo. Edições Loyola. 45-51. 2001

VIGNOLI, J. R. *Vulnerabilidad Demográfica em América Latina*. Qué Hay de Nuevo? In CEPAL, Apresentado em *Seminario Vulnerabilidad*, CEPAL, Santiago de Chile, 2001.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes. 1984.

VYGOTSKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKI, L. S. *A Formação Social da mente*. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WANDERLEY, M. *Metamorfoses do desenvolvimento de comunidade*. São Paulo: Cortez, 1993.

YIN, Robert K. __. *Estudo de Caso*. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YUS, Rafael. *Temas Transversais em busca de uma nova escola*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____. *Educação integral: uma educação holística para o século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Roteiros de Entrevistas

APÊNDICE B – Roteiro de Coleta dos Dados dos Educadores

Roteiro de Entrevista

Para os EDUCADORES serão propostas as seguintes questões:

- 1) Conta a tua trajetória de Educador Social
- 2) O que tu entendes por Educação Social?
- 3) Como tu percebes a tua formação? Tens necessidade de buscar mais formação?
- 4) Quais dificuldades encontras na prática educativa e até que ponto os encontros de formação auxiliam a saná-las?
- 5) Precisava haver mais formação?
- 6) Quais tuas perspectivas no trabalho de Educador(a)?
- 7) Qual palavra te define enquanto Educador (a) Social?

Para os COORDENADORES pedagógicos serão propostas as seguintes questões:

- 1) Conta a tua trajetória de Educador social.
- 2) O que tu entendes por Educação Social?
- 3) Como tu percebes a tua formação?
- 4) E a formação dos educadores?
- 5) A Instituição promove formação para os educadores?
- 6) Precisava haver mais formação?
- 7) Quais as dificuldades que encontras na prática e até que ponto são sanadas nas formações na Instituição?
- 8) Quais as tuas perspectivas em relação ao teu trabalho?
- 9) Qual a palavra que te define enquanto Educador(a) social?

Dados dos Educadores
Formação, Experiências e Expectativas do Educador Social

NOME:

IDADE:

GRAU DE INSTRUÇÃO:

1º grau completo () 1º grau incompleto() cursado até ____série.

Ensino Médio completo () Ensino Médio incompleto () cursado até ____série.

Graduação completa () Qual? _____

Graduação incompleta () Qual? _____

Pós-Graduação () Qual? _____

CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL REALIZADA FORA DA INSTITUIÇÃO NOS ÚLTIMOS 5(CINCO)

ANOS: (os mais importantes para você):

1 _____

2 _____

3 _____

CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL OFERECIDA PELA INSTITUIÇÃO NOS ÚLTIMOS 5(CINCO)

ANOS:(os mais importantes para você):

1 _____

2 _____

3 _____

CURSO OU OFICINA QUE MINISTRA?

TEMPO DE TRABALHO NA INSTITUIÇÃO?

OBRIGADO

ANEXOS

ANEXO A – Exemplos de Entrevistas Realizadas

EDUCADORES

Palavra: Perseverante

Conta a tua trajetória de Educador(a) Social

Venho de São Paulo, sem pretensão de emprego, vim conhecer o Sul. Sou apaixonado pelos Salesianos há muito tempo e recebi proposta dos Padres para trabalhar na Obra Novo Lar, mas não sabia para qual função. Nunca tinha dado aula na minha vida, nunca tinha trabalhado como educador. De repente cai aqui. Analisaram o meu currículo e me acharam capacitado. Eu disse que não tinha experiência, eles disseram que experiência se adquire. Até o momento uma das coisas que gostei foi que eles apostaram em mim. Assumi não só informática, mas também a manutenção das máquinas, as aulas de informática no curso semi-profissionalizante. Depois de 3 meses a Escola precisava de pessoa para dar aula de 1ª à 5ª série, daí comecei a trabalhar com as crianças 40h.

Já trabalhei com grupos de jovem da AJS... Trabalhei no oratório com crianças carentes... O padre da casa me pediu para ouvir as crianças carentes... Estas crianças e adolescentes precisam de pessoas para ser espelho, referência. Daí para a frente aprendi a ouvir as crianças, a parar conversar, ir conversar partilhar. Coloco muito o meu testemunho de vida... Falo muito, se tenho um tênis, uma roupa, foi porque trabalhei para adquirir... São 7 anos até hoje com os Salesianos, é um vínculo que tenho muito grande. Aprendi muito do carinho Salesiano.

O que tu entendes por Educação Social?

É uma coisa muito ampla. Seria educação para a sociedade, aquelas pessoas que não tem uma renda, condições de ter um estudo. Estar trabalhando não só na área técnica, mas também na área da vida dele, pensamento, modo de falar, de se portar, a vida, emprego, relacionamento, grupo, trabalho.

Como tu percebes a tua formação. Tens necessidade de buscar mais formação?

Não tinha conhecimento nenhum. Aprendi buscando na Internet. Peguei cursos online sobre didática de aula e fui montando planos de aula. O Novo Lar tinha muitos joguinhos... Acho um absurdo, acho que a criança tem que entender o que está fazendo,

aprendendo...Criei brincadeiras com perguntas voltadas para a informática, jogos educativos...Hoje eu preciso de mais. Minha limitação já deu. O jovem hoje chega e quer mais. Minha área é Publicidade e Propaganda, minha área é criar, não é educar. Tenho que entrar na área da educação. Estou tentando voltar e fazer Faculdade, ou vou fazer cursos voltados na área da educação e tecnologia. Fora os livros, estou gastando uma grana com livros e buscando novas técnicas, novas maneiras de trabalhar.

Está faltando seminários, palestras... Não sei o meio, mas está faltando nas Obras ter pessoas qualificadas... Pessoas que trabalhem nesta linha, não só curso, mas façam uma assessoria. Se a coordenação hoje não tem capacitação para assessorar quem pode dar o respaldo...? Talvez uma assessora da rede. Subsídio para estar trabalhando...Hoje busco material de outras religiões e Congregações. Está faltando materiais com a cara de Dom Bosco, o jeito de Dom Bosco para trabalhar o Sistema Preventivo. Estou pensando em montar um material para a rede. Um material de informática para todas as Instituições da Congregação, para que nossos jovens falem a mesma linguagem.

Quais dificuldades encontras na prática educativa e até que ponto os encontros de formação auxiliam a saná-las?

Tenho pessoas amigas que posso pedir apoio. Na Instituição hoje, não consigo buscar isto. A formação que tivemos são voltadas para a Obra, relacionamento e não para o pedagógico. Eu me acho não pronto para ser educador, precisava alguém do meu lado para me dizer se o que estou fazendo está certo ou não. As pessoas para estarem a frente é preciso ter conhecimento, estar ciente de todos os assuntos, me ouvir e tentar me ajudar a entender e não dizer eu também não sei, se vira... Sinto falta de ter pessoas para estar assessorando.

Precisava haver mais formação?

Poderia trabalhar novas metodologias da educação. As reuniões pedagógicas de sexta-feiras são perdas de tempo. É importante tratar assuntos cabíveis e não coisas pessoais, interpessoais, para isto poderiam sentar a dois e resolver.

Quais tuas perspectivas no trabalho de Educador(a)?

Nunca tinha pensado em ser educador, agora que sou minha meta é dar aula em Faculdade. Acho que o jeito deles darem aula é ótimo, fazer as pessoas pensarem e buscarem. Trabalhar na teoria e na prática. Qualificar-me para ser um bom educador, emissor de

informação para este pessoal que está sedento de informação. O jovem hoje, você fala eles acreditam, quero trabalhar com pessoas que debatam com o que estou dizendo.

Qual palavra te define enquanto Educador(a) social?

Perseverante... Porque várias vezes eu pensei em desistir. Por causa do salário, situações que agente se envolve, você está fazendo várias coisas e as coisas não fluem, as coisas se amarram porque as pessoas não tem a mesma idéia de você de pensar além. Falam em sistema preventivo e não é usado. Isso irrita. Estou sendo perseverante e tenho muita paciência. Aprendi a ouvir mais e entender. Não desistir mesmo...

COORDENADORES

Palavra: Trabalhadora

Conta a tua trajetória de Educador social.

Cheguei ao Novo Lar em 1999. Quando cheguei não havia boa aceitação do trabalho da Psicologia, foi uma caminhada longa para conquistar este espaço. Hoje já tenho um lugar garantido no trabalho de Psicologia. Meu foco é mais preventivo, trabalho com grupos, no sentido da prevenção e não para apagar fogo. Hoje os educadores já procuram mais efetivamente para perguntar opinião do que a psicologia acha das situações ocorridas.

O que tu entendes por Educação Social?

Um trabalho mais geral com o educando, que visa não só o conhecimento, mas o desenvolvimento mais geral... Que possa passar aos alunos outros aspectos da vida, do trabalho, da família, da vida em todas as áreas, vendo o mundo de uma forma mais global, não só a parte de conhecimento, intelectual.

Como tu percebes a tua formação?

Minha formação é muito rica na questão da prática, mas de um tempo para cá está muito pobre na área de conhecimentos. Acabei me acomodando na área de buscar outros conhecimentos. É claro que leio, busco bibliografias, procuro trocar idéias com outros colegas, porém não me dirigi para a área social para uma formação. Eu tenho participado das

atividades que são feitas com educadores da Obra. Mas outra coisa, um curso de formação, um Mestrado na área social ainda não busquei. Até gostaria.

E a formação dos educadores?

Também vejo da mesma forma. Nossos educadores hoje, todos tem objetivos próprios na área de formação. Todos convergem para o social, mas falta ainda buscar a parte teórica. Falta confrontar teoria com a prática. Porque temos bastante prática, mas falta teoria. Não sei se tem entendimento da formação social para o educando. Vejo preocupação com o bem estar do educando, mas não tendo idéia teórica de uma formação social.

A Instituição promove formação para os educadores?

Atualmente não. Falta muito, estamos capengas nesta área. A um ano em meio, a preocupação era mais voltada para a área social. Hoje novamente estamos preocupados com o bem estar, que ele possa se ocupar, que ele possa melhorar o comportamento, mas este lado social mais teórico eu não vejo.

Precisava haver mais formação?

Sim. Precisa ter espaços dentro e fora. Existem vários cursos que acontecem que a Obra não fica sabendo e não possibilita que participe. Há cursos gratuitos que nós não somos informados... Eu fiquei sabendo agora que está no final, poderia ter feito. Os Salesianos poderiam criar cursos nesta área, não só para mim, mas para outros educadores que tem o mínimo de formação nesta área. Poderiam trazer outras pessoas que até gratuitamente possam falar para nós.

Quais as dificuldades que encontras na prática e até que ponto são sanadas nas formações na Instituição?

Recursos da comunidade, para onde encaminhar os educandos que vem para cá. Fazer com que eles se desvinculem daqui e criem uma independência ai fora. Por esta preocupação dos educadores temos com o bem estar deles, eles se habitua, eles se acham aqui dentro e fica muito difícil eles se desvinculem daqui. Temos recursos para poder encaminhar de uma forma bem concreta, agora tu vai e é contigo, esta independência deles. E também no sentido das famílias, que elas possam buscar recursos para atender seus filhos. Porque temos muitos educandos que precisam de atendimento neurologia, psiquiatria, trabalho e a s famílias não apóiam.

A Instituição não facilita para que estas dificuldades sejam sanadas... Não há ninguém que estivesse a frente que buscassem colaboradores, como uma empresa que recebesse os alunos, escolas que pudessem aceitar nossos alunos. Falta um contato direto com a comunidade. Temos um professor vereador, poderíamos usar este contato direto. Deveria ser iniciativa da Obra ir atrás das parcerias. Vejo a preocupação com o bem estar, com a questão assistencialista e isto eu não concordo.

Quais as tuas perspectivas em relação ao teu trabalho?

Fico chateada, mas como não estou vendo investimento nesta área, poderei buscar outro espaço que me de mais recursos para o trabalho. Pode ser na área social ou não. A não valorização leva a desmotivação. Eu adoro trabalhar com as crianças e com a área social, mas é preciso ter investimento. Às vezes não tenho parceria da comunidade e da casa. Eu não tenho idéia de parar no tempo... Estudo, trabalho, mas farei mudanças para mim.

Qual a palavra que te define enquanto Educadora social?

Responsabilidade ou preocupação. Vontade grande de fazer as coisas. Tenho empolgação por aquilo que eu faço... Conquista, satisfação....Uma das áreas que mais me satisfaz é o trabalho. Se pudesse colocar em escala, diria 1º meus filhos e depois o meu trabalho. Eu não seria eu se não tivesse o meu trabalho

**EXEMPLO DE ANÁLISE HORIZONTAL E VERTICAL DAS ENTREVISTAS
PREPARANDO PARA CATEGORIZAÇÃO**

<i>EDUCADOR(A)</i>	<i>Pergunta 1</i>	<i>Pergunta 2</i>	<i>Pergunta 3</i>	<i>Pergunta 4</i>	<i>Pergunta 5</i>	<i>Pergunta 6</i>	<i>Pergunta 7</i>
<i>PERSEVERANTE</i>	<i>De repente cai aqui; Analisaram o meu currículo e me acharam capacitado. Eu disse que não tinha experiência, eles disseram que experiência se adquire...</i>	<i>Seria educação para a sociedade; para aquelas pessoas que não tem uma renda, condições de ter um estudo; Trabalhando não só na área técnica, mas também na área da vida dele, pensamento, modo de falar, de se portar, a vida, emprego, relacionamento, grupo, trabalho.</i>	<i>Não tinha conhecimento nenhum; Aprendi buscando na Internet. Está faltando seminários, palestras... Não sei o meio, mas está faltando nas Obras ter pessoas qualificadas ..assessoria, materiais.</i>	<i>Não há apoio no pedagógico na Instituição; Procuo auxílio com os amigos; A formação que temos é voltada para a Obra, relacionamento e não para o pedagógico.</i>	<i>Trabalhar novas metodologias da educação; É importante tratar assuntos cabíveis ao nosso crescimento intelectual.</i>	<i>Nunca pensei em ser educador, agora que sou educador, minha meta é dar aula em Faculdade ...</i>	<i>Perseverante Várias vezes pensei desistir...</i>
<i>Análise vertical</i>	<i>Pouca experiência ; Iniciou no trabalho por acaso.</i>	<i>Educação para a sociedade; Para quem não tem renda; Forma atitudes e valores</i>	<i>Bastante dificuldade no início; Desafio.</i>	<i>Reuniões pouco aproveitadas necessidade de estudos pedagógicos</i>	<i>Reuniões mal aproveitadas; Necessidade de formação pedagógica</i>	<i>Deseja dar aula em Faculdade</i>	<i>Questões salariais pouco compreendida da proposta Salesiana desanimado Destaca Perseverante</i>

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)